

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA-PPGT
MESTRADO EM TEOLOGIA**

DEISE REGINA BADOTTI BASTOS

SINODALIDADE E MULHER: LEIGAS NA IGREJA CATÓLICA

CURITIBA

2024

DEISE REGINA BADOTTI BASTOS

SINODALIDADE E MULHER: LEIGAS NA IGREJA CATÓLICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT). Área de concentração: “Teologia Sistemática, Pastoral e Espiritualidade.” Linha de pesquisa: “Ecumenismo, Diálogo Inter-religioso e Casa Comum.” Da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Professor Dr. Elias Wolff

CURITIBA

2024

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Bastos, Deise Regina Badotti
B327s Sinodalidade e mulher : leigas na Igreja Católica / Deise Regina Badotti
2024 Bastos ; orientador: Elias Wolff. – 2024.
94 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2024
Bibliografia: f. 80-84

1. Teologia. 2. Francisco, Papa, 1936-. 3. Mulheres na Igreja Católica.
4. Missão da Igreja. 5. Igreja Católica – América Latina. I. Wolff, Elias.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 230



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 004.2024
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Aos um dia de março de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se às oito horas e trinta minutos, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Prof. Dr. Elias Wolff, Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich, Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes, para examinar a Dissertação da mestrand **Deise Regina Badotti Bastos**, ano de ingresso 2022, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de concentração: Teologia Sistemático - Pastoral - Linha de Pesquisa: "Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa". A mestrand apresentou a dissertação intitulada "**SINODALIDADE E MULHER: LEIGAS NA IGREJA CATÓLICA**". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi APROVADA pela Banca Examinadora, com indicação de publicação. A sessão encerrou-se às 10:00hs. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Documento assinado digitalmente
ELIAS WOLFF
Data: 04/03/2024 09:25:36-0300
Verifique em <https://validar.idi.gov.br>

Prof. Dr. Elias Wolff - Presidente/Orientador

Profa. Dra. Claudete Beise Ulrich - Convidada Externa

Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes - Convidado Interno



Prof. Dr. Waldir Souza

Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu

“Deus é
Pai E, ainda
mais, Mãe”

(João Paulo I, 10 de set. de
1978)¹

¹ JOÃO PAULO I, Angelus Domini. 10 de set. de 1978. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf_jp-i_ang_10091978.html. Acesso em: 13 dez. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por revelar por meio de experiências vividas, a todo o momento, a grandeza do seu poder e amor, que é mãe e mulher, fonte de vida e cuidado, por dar-me consciência da importância de ser mulher.

Ao meu **marido, Paulo**; às **minhas filhas, Maria Tereza e Maria Paula**; ao **meu filho, João Francisco**, porque procuram viver o *aggiornamento* juntos comigo! E pela compreensão, apoio e ajuda a essa nova rotina desafiadora.

Ao meu orientador, Professor Dr. Elias Wolff, pela partilha de conhecimento e paciência comigo.

À Professora Andreia Serrato e ao Professor Ernesto Sienna, por não medirem esforços para que eu estivesse aqui.

Ao reitor, coordenador do PPGT, professores/as, colegas e funcionários da PUCPR, que trabalham incansavelmente para que a construção do conhecimento aconteça.

Aos meus colegas que, ao longo do curso, contribuíram direta e/ou indiretamente para minha formação. Aos meus amigos, Paulo José e Jussara, pelas ligações e correções.

À Paróquia Santo Antônio, que proporcionou minha vivência comunitária e foi o estopim para começar a Teologia.

RESUMO

Esta pesquisa aborda o tema da relação entre Sinodalidade e Mulher: Leigas na Igreja Católica, identificando, sobretudo, a diaconia, ou seja, serviços desenvolvidos por elas, no entanto, invisíveis. Tal abordagem se justifica na questão: onde a igreja de hoje estaria sem as mulheres, uma vez que prevalece a invisibilidade delas na ação evangelizadora que realizam? Fato é que o catolicismo passa por indagações, desafios e, sobretudo, questionamentos sobre a invisibilidade feminina. O *objetivo geral* da pesquisa consiste em analisar o significado da sinodalidade na perspectiva da eclesiologia católica. Define-se como *objetivos específicos*: explicar os conceitos fundamentais da Igreja sinodal e da sinodalidade na Tradição e nos documentos conciliares; mapear na arquidiocese de Curitiba o número de quinze paróquias que possuem algum projeto de participação e ou decisão conjunta de todos/as para dentro da Igreja rumo ao caminho sinodal; articular o resultado da pesquisa empírica (exploratória-descritiva) com o referencial teórico sobre a importância do papel feminino na comunidade eclesial e na sociedade no processo de evangelização. O *método* do estudo é a análise qualitativa da bibliografia referente ao objeto da pesquisa. O método contempla uma parte empírica da pesquisa, como exploratória descritiva, desenvolvida em paróquias cristãs católicas na grande Curitiba, mediante consulta em bancos de dados *on-line* e *google form*. Como *resultado*, a pesquisa aponta para um número relevante de mulheres que exercem atividades evangelizadoras nas comunidades católicas: em 46,7% das paróquias pesquisadas, as mulheres têm incidência real e efetiva na organização da vida eclesial. Em síntese, a análise do estudo constatou que as mulheres cristãs são de profunda espiritualidade, verdadeiras testemunhas do Evangelho, contribuindo com seu dom e força para a igreja em seu projeto evangelizador nos tempo atuais. Enfim, conclui que as mulheres são indispensáveis na vida da igreja, e urge tirar da invisibilidade sua presença e ação na missão eclesial.

Palavras-chave: Papa Francisco; mulher na Igreja; sinodalidade; igreja na América Latina.

ABSTRACT

This research addresses the theme of Synodality and Women: Lay Women in the Catholic Church, identifying above all, diakonia, that is, the service carried out by them, however, invisible. Such an approach is justified by the question: where would today's church be without women, given that their invisibility prevails in the evangelizing action that takes place inside and outside the temple? The fact is that Catholicism goes through questions, challenges and above all, questioning of female invisibility. The general objective is to analyze the meaning of synodality from the perspective of Catholic ecclesiology. Secondary objectives are defined as explaining the fundamental concepts of the synodal Church and synodality in Tradition and conciliar documents; map in the archdiocese of Curitiba the number of fifteen parishes that have some project of participation and/or joint decision by all within the Church towards the synodal path; articulate the result of empirical research (exploratory-descriptive) with the theoretical framework on the importance of the female role in the ecclesiastical community and in society in the evangelization process. The study method is the qualitative analysis of the bibliography collected from available publications that work on the proposed theme, as well as seeking to present, in a brief bibliographic essay, the synodal process of 2021-2024 – “For a Synodal Church: communion, participation, mission”. The empirical research was exploratory and descriptive, carried out in fifteen Catholic Christian parishes in greater Curitiba, through consultation in online databases and Google Form. The research result points to a relevant number of women who carry out evangelizing activities in Catholic communities. It also pointed out that in 46.7% of the parishes surveyed, women have a real and effective influence on the organization of ecclesiastical life. In summary, the analysis of the study found that Christian women are deeply spiritual, true witnesses of the Gospel, contributing their gifts and strength to the church to remain standing and face the challenges of the mission in our time. Finally, it concludes that they are indispensable in the life of the church, and it is urgent to remove their presence and action in the ecclesiastical mission from invisibility.

Keywords: Pope Francis; woman in Church; synodality; Church in Latin America.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
CD	<i>Christus Dominus</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
Cf	Conforme
CF	Campanha da Fraternidade
ChV	<i>Christus Vivit</i>
CIGC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CTI	Comissão Teológica Internacional
DAP	Documento de Aparecida
Doc	Documento
DPb	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
DV	<i>Dei Verbum</i>
Ecl	Eclesiastes
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EM	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Ef	Efésios
Ex	Êxodo
Fl	Filipenses
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GeE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
GS	<i>Gaudium et spes</i>
Jo	Evangelho de João
Lc	Evangelho de Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
LS	Laudato Si

Mc	Evangelho de Marcos
MD	Mulieris Dignitatem
Mt	Evangelho de Mateus
NT	Novo Testamento
PPGT	Programa de Pós-Graduação em Teologia
Pr	Provérbios
QA	Querida Amazônia: Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade
QAm	Querida Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral
Rm	Romanos
S	Seguintes
Ts	1ª Tessalonicenses
UR	<i>Unitatis Redintegratio</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO	15
1.2	TRABALHANDO OS CONCEITOS.....	17
1.2.1	Sínodo.....	17
1.2.2	Concílio.....	19
1.2.3	Colegialidade.....	20
1.2.4	Leigos	20
1.2.5	Sinodalidade.....	21
1.2.6	Batismo.....	22
1.2.7	Mulher	22
2	SINODALIDADE E IGREJA.....	24
2.1	SINODALIDADE NO CONCÍLIO VATICANO II.....	26
2.1.1	Sinodalidade como ação do Espírito na vida eclesial e no conjunto do Povo de Deus	27
2.1.2	Fiéis leigos e leigas no caminho da sinodalidade.....	30
2.1.3	A missão evangelizadora em perspectiva Sinodal.....	33
3	A IGREJA SINODAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO.....	36
3.1	O SÍNODO SOBRE SINODALIDADE	38
3.2	SINODALIDADE E MISSÃO EM FRANCISCO.....	39
3.3	SINODALIDADE E ECUMENISMO	45
4	SINODALIDADE E MULHER.....	49
4.1	O KAIRÓS DA MULHER NO CAMINHO SINODAL	49
4.2	O VERBO TORNOU-SE MULHER	50
4.2.1	Humanizar o divino na perspectiva da mulher	52
4.3	DEUS SE COMUNICA A PARTIR DAS MULHERES NA BÍBLIA	54
4.3.1	Mulher no Primeiro Testamento	54
4.3.2	Mulher no Novo Testamento	56
4.3.3	Mulher, Imagem de Deus em Gênesis.....	60
4.4	MULHERES NO CONCÍLIO VATICANO II	62
4.5	MULHER NA IGREJA LATINO-AMERICANA.....	65
4.5.1	A mulher em Puebla	65
4.5.2	A mulher em Aparecida.....	66

4.5.3 A mulher na Igreja do Brasil	67
4.6 A MULHER NO PONTIFICADO DE FRANCISCO.....	70
4.6.1 A mulher no Sínodo da Amazônia.....	71
4 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS	82
ANEXO 1 – TEXTO PRODUZIDO PARA A BANCA DE QUALIFICAÇÃO	88
aprofundar laços ecumênicos para além do meramente discursivo.....	88
ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	90

1 INTRODUÇÃO

A história da Igreja mostra-nos que, desde as primeiras comunidades cristãs, a mulher esteve presente, fez parte significativa, pois exerceu atividades, contribuiu de uma maneira ou de outra, sustentou com sua docilidade e criatividade, para que a Boa Nova chegasse nos confins da terra. Na carta aos Romanos (16,1s), Paulo apresenta as mulheres protagonistas da comunidade de fé, dignas de respeito, merecedoras de recomendações e carinho por parte de todos, fato que, exercem ministérios e funções importantes de diaconisa, colaboradora, trabalhadora, apóstola, batalhadoras²

E, ainda, como mostra na carta aos Filipenses (4,3), “elas lutaram comigo pelo Evangelho”, Paulo refere-se à liderança feminina, lutadoras ao lado dele na evangelização. Evidentemente, a presença e a função delas era sinal visível de beleza e eficácia. O Evangelista Mateus retrata a alegria e confiança das mulheres no mistério pascal, as portadoras da Boa Nova. É fato que a atuação da mulher na igreja foi legitimada pelo próprio Jesus Cristo: “não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só” (Gl 3,28), rompe-se, dessa forma, divisões discriminatórias e machistas que subjugavam a mulher, o Espírito Santo em ação, sem gênero. Esses são alguns exemplos da presença feminina na diaconia da Igreja.

A partir desta reflexão introdutória sobre a figura feminina em comunidades primitiva de fé, percebe-se que, na história da Igreja, desde o princípio, houve atuação das mulheres com admiráveis gestos de heroísmo e cuidados, dotadas de sensibilidade e carisma, humildes e fraternas, fiéis ao Senhor grandeza do amor que ultrapassa barreiras da indiferença, na qual se perpetua até os dias de hoje. Com efeito, elas são as protagonistas do tempo, discípulas missionárias, catequistas, voluntárias leigas que atuam, de maneira significativa, no seguimento a Jesus Cristo. Pela fé, partilham da vida, doam-se e conduzem o ensinamento à

² Conf. Rm 16,1ss, a lista de pessoas saudadas chega a quase 30 e inclui nomes gregos, romanos e judaicos. Inclui também pessoas de diversas condições sociais. A diversidade de pessoas forma uma comunidade unida pela fé. Das pessoas citadas, 10 são mulheres que exercem ministérios e funções importantes: a diaconisa Febe; a colaboradora Prisca; a batalhadora Maria; a parente e apóstola Júnias; as batalhadoras Trifena e Trifosa; a querida Pérside; a mãe de Rufo, à qual Paulo trata como sua própria mãe; Júlia e a irmã de Nereu, que fazem parte dos santos.

plenitude de vida em Cristo, no projeto caminhar juntos, unidas na esperança e no amor.

É importante ressaltar que o cristianismo é uma religião histórica, e o catolicismo é parte integrante da história, visto que a fé cristã está viva e enraizada na cultura dos povos. Todavia, de certa forma, sentimos e vivenciamos a Igreja Católica como uma estrutura funcional predominante masculina, porém não uma realidade isolada, acabada e tampouco caduca. Aliás, o *Concílio Ecumênico Vaticano II* (1962-1965) não deixa dúvida, a Igreja realiza com esforço a atividade missionária em “reunir todas as forças dos fiéis para que o Povo de Deus, continuando a seguir pelo caminho estreito da cruz, difunda por toda a parte o reino de Cristo, Senhor e perscrutador dos séculos, e prepare os caminhos para a sua vinda” (AG n.1). À vista disso, parte-se da hipótese de que não se pode limitar a responsabilidade da atividade missionária de evangelização apenas aos seus dignitários, mas sim envolver todo o “Povo de Deus”, inclusive as mulheres.

Nesse sentido, esta proposta de trabalho visa discutir a importância da mulher dentro dos espaços eclesiais, uma vez que “em uma Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades [...] deveriam poder ter acesso a funções e inclusive serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra e permitam expressar melhor o seu lugar próprio” (QA n.103), que se traduz em relação que humaniza.

Neste trabalho, tem-se por objetivo principal analisar o significado da sinodalidade na perspectiva da eclesiologia católica e desenvolver a importância da mulher, sua missão e diaconia da Igreja. Para atingir o objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos: explicar os conceitos fundamentos da Igreja sinodal e sinodalidade na Tradição e nos documentos conciliares; mapear, na arquidiocese de Curitiba, o número de paróquias que possui algum projeto de participação e/ou decisão conjunta de todos e todas para dentro da Igreja a fim de participar do caminho sinodal, mediante consulta em bancos de dados *on-line*; articular o resultado da pesquisa empírica (exploratória-descritiva) com o referencial teórico sobre a importância do papel feminino na comunidade eclesial e na sociedade no processo de evangelização.

O Papa Francisco, por meio do processo sinodal de 2021-2024 – “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão*”, objetiva proporcionar uma oportunidade para todo o Povo de Deus progredir no caminho para ser uma Igreja

mais sinodal. Este processo implica quatro grandes passos, que são: a escuta, na qual recolhe a experiência do processo sinodal; o discernimento, que é a nova escuta das Escrituras, a terceira a tomada de decisões, apresenta o horizonte que se descortina da escuta em termos de Igreja sinodal missionária, e por último a aplicação da diaconia da mulher, pois, toda a Igreja deveria ouvi-las, deveria deixá-las votar. A partir disso, existe o interesse em solucionar as seguintes questões de pesquisa: Há práticas compartilhadas de poder? Qual seria a dificuldade em legitimar e/ou reconhecer possível lugar para as mulheres na tomada de decisão em diferentes campos da Igreja? Por mais que, as perguntas sejam singelas, este esmiuçar envolve uma série de fatores que necessitam ser incorporados e analisados para que um retorno possa ser obtido.

Para responder a esses questionamentos, buscamos reunir a bibliografia existente sobre o assunto, a fim de estabelecer um diálogo entre os documentos emitidos pelo Magistério da Igreja Católica e os autores, sejam teóricos, professores- pesquisadores e/ou entusiastas, que exploram o tema, através da reflexão em artigos e livros. Também foi desenvolvida uma pesquisa empírica mediante consulta em bancos de dados *on-line* sobre práticas de poder compartilhadas entre gêneros, na comunidade cristã católica, e ainda se há algum incentivo, ação para que a mulher tenha incidência real e efetiva na organização de decisão.

Diante disso, aprofundar este tema – Sinodalidade e Mulher: leigas na Igreja católica – é deveras importante para que saibamos reconhecer e acolher a indispensável contribuição feminina na Igreja e na sociedade. Vale notar que é fundamental romper as ‘paredes’ da indiferença de gênero e fomentar a participação conjunta entre os homens e as mulheres. Enquanto esta perspectiva de caminhar juntos, em patamar de igualdade, é apenas utopia, subverte a moral vigente do tradicionalismo e até mesmo do fundamentalismo de cunho eminentemente patriarcal que são conduzidos somente por homens. Portanto, urge rever e renovar o exercício da conversão de uma Igreja que se inscreve no horizonte da fé e esperança, atenta aos desafios e possíveis mudanças futuras para um caminhar juntos e, conseqüentemente, uma escuta e discernimento enfrentados pela diversidade de dons, carismas e vocações, presentes nos homens e nas mulheres.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, além deste introdutório.

No primeiro e segundo capítulos, as principais variáveis do tema são colocadas em tela a partir da bibliografia existente, dialogando entre documentos do magistério da Igreja Católica e os vários autores teóricos que exploram o tema e que darão suporte teórico ao desenvolvimento da pesquisa. O capítulo terceiro tem por finalidade descrever e discutir os principais resultados provenientes da coleta de informações realizadas, fazendo uma exposição sintetizada dos principais achados inerentes ao trabalho. Em seguida, são listadas as referências utilizadas no estudo e, por fim, anexados os documentos preenchidos e submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR, como também o belíssimo texto escrito pela professora Dra. Bárbara Pataro Bucker em especial para minha banca de qualificação.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada neste trabalho trata-se de estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico feito a partir de pesquisa bibliográfica existente, dialogando entre documentos do Magistério da Igreja Católica e os autores, sejam teóricos, professores-pesquisadores e/ou entusiastas, que exploram o tema, através da reflexão sobre artigos e livros.

Foi fundamental para este estudo o “debruçar-se” nos documentos conciliares do Magistério da Igreja Católica e nos discursos, homilias, Cartas Encíclicas e na Exortação Apostólicas do Papa Francisco, a qual confere ênfase teológico-pastoral ao tema sinodalidade na vida e na missão da Igreja, para podermos desenvolver a referida pesquisa sobre processo sinodal de 2021-2024 – *“Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão”* (Francisco, 10/10/2021).

Além disso, documentos estudados sobre a mulher estão no documento de Paulo VI (08/12/1965) o qual se dirige a todas as mulheres de todas as condições assim: “pois vós mulheres constituís a metade da família humana.” Ainda, os documentos de João Paulo II, as cartas: *Apostólica Mulieris Dignitatem* (15/08/1988) deseja render graças à Santíssima Trindade pelo mistério da mulher – por toda mulher – e por aquilo que constitui a eterna medida da sua dignidade feminina; *Carta às Mulheres* (29/06/1995), na qual expressava sua solidariedade e gratidão a todas as mulheres. Buscamos, também, sapiência em artigos e livros de algumas renomadas teólogas, entre elas: Gebara, Fiorenza, Valério, Johnson,

Bucker, Ulrich, Abraham e Domezi, para que pudéssemos ter percepção da teologia feminista.

Quanto à pesquisa empírica, Sinodalidade e Mulher: Leigas na Igreja Católica é realizada sobre a supervisão do professor doutor orientador da disciplina e, também, conforme o parecer número 6.000.698 aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná –PUCPR.

Primeiro, foi necessário seguir a padronização e o procedimento da metodologia conforme as orientações do CEP. Após isso, foi necessário preencher e enviar todos os documentos, segundo o modelo conceitual comum, como: Informações básicas do projeto, Declaração de Concordância, Termo de Consentimento Livre esclarecido, Roteiro da entrevista, link do formulário *Google Forms* e até mesmo a assinatura do Decano. Assim que todos os documentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR, no dia 13 de abril de 2023, deu-se início ao trabalho de campo. Ressalta-se que foi necessário um esforço para conseguir as devidas respostas ao questionário enviado para as 15 paróquias.

No estudo de campo, constatou-se, pelo site da arquidiocese de Curitiba, que todas as 147 paróquias estão no perímetro da Mitra diocesana de Curitiba, divididas em quinze setores, que oscilam entre sete a doze paróquias por setor. Exemplo³: na região norte de Curitiba – setor Cabral - correspondem as paróquias da Capelania da Aeronáutica, Cristo Rei, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora de Todas as Graças, Sagrados Corações de Jesus e Maria, Santa Cruz e Santa Efigênia, Santo Agostinho, São João Batista, São Pedro e São Paulo, Senhor Bom Jesus, Nossa Senhora da Salette e Santo Antônio. Contudo, a pesquisa foi desenvolvida em somente quinze paróquias cristãs católicas na grande Curitiba, mediante consulta em bancos de dados *on-line*, ou seja, busca dos contatos telefônicos e endereço eletrônico para podermos entrar em contato, e assim pudéssemos enviar o formulário *Google* com as perguntas.

Primeiramente, foi enviado o questionário para uma paróquia de cada setor, mas, como não obtivemos resposta, foram enviados para todas as paróquias que estão no perímetro da arquidiocese. Vale observar que foram várias tentativas, enviando o questionário por e-mail e WhatsApp até obter as respostas

³ Setor Portão abrangem as paróquias Santa Isabel - Portão, Menino Jesus de Praga - Lindoia, Sagrada Família – Novo Mundo, São Jorge, Senhor Bom Jesus – Portão.

necessárias, ou seja, foi um trabalho relativamente desagradável de insistência com o/a responsável da paróquia. O questionário restringiu-se ao responsável pela comunidade, maior de 18 anos e se concordava em responder, e somente depois de dar o aceite, o entrevistado era direcionado às demais perguntas: quantas pastorais, grupos acontecem naquela comunidade; dessas pastorais e grupos existentes, quantos homens e mulheres praticam a coordenação; se há prática compartilhada de poder entre gênero na comunidade cristã católica, e ainda se há algum incentivo, ação para que a mulher tenha incidência real e efetiva na organização de decisão.

1.2 TRABALHANDO OS CONCEITOS

Este tópico tem como objeto a teorização reflexiva de conceitos-chave para a compreensão do que significa sínodo, concílio, colegialidade, leigos, sinodalidade, batismo e mulher.

1.2.1 Sínodo

A origem do termo Sínodo, deriva do grego *synodos*⁴ que significa reunião, na qual visa à unidade eclesial. Composto pelo prefixo *syn*, que é “junto com/junto a” – e pelo substantivo *hodos*, que é “caminho”. “O verbo grego *synodéo* significa “fazer um caminho com alguém em busca da igualdade de todos os membros da Igreja pelo batismo. Portanto, para a Tradição da Igreja, indica o caminho feito com o Povo de Deus, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da História da Revelação. Deus que se revela, que se faz presente no mesmo caminho.

No nível institucional da Igreja Católica, a constituição do Sínodo aconteceu, de fato, em 15 de setembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. Uma vez que a função do sínodo é consultiva, precisa reconhecer o clamor de seu povo e reconhecer o clamor do Espírito para que possa discernir. Contudo, o Sínodo pode ter uma função deliberativa, sendo que esta precisa ser ratificada pelo Romano Pontífice.

⁴ SIQUEIRA, Fabio. **Sínodo**: o que é importante saber? Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/sinodo-da-amazonia.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

Alguns Bispos das diversas regiões do mundo, escolhidos do modo e processo que o Romano Pontífice estabeleceu ou vier a estabelecer, colaboram mais eficazmente com o pastor supremo da Igreja formando um Conselho que recebe o nome de Sínodo Episcopal. Este Sínodo, agindo em nome de todo o Episcopado católico, mostra ao mesmo tempo que todos os Bispos em comunhão hierárquica participam da solicitude por toda a Igreja (Paulo VI, 28/10/1965).

Logo, cabe aos Bispos, sempre em união com o Romano Pontífice, participar ativamente nas decisões que afetam a vida eclesial, em uma escuta recíproca. Além

disso, algo absolutamente essencial para o Sínodo são três palavras-chave: comunhão, participação e missão, expressões teológicas que designam o mistério da Igreja. Dado o fato que a “comunhão exprime a própria natureza da Igreja e, ao mesmo tempo a Igreja recebeu a missão de anunciar e instaurar o reino de Cristo e de Deus em todos os povos, ela própria constitui na terra o germe e o início deste reino” (LG n.5). Por outro lado, se não houver participação, terceira palavra-chave do sínodo, a comunhão e a missão tornam-se palavras soltas, vazias, pois “só é verdadeiramente fecundo se tornar expressão viva do ser Igreja, dum agir caracterizado por verdadeira participação” (Francisco, 09/10/2021). Por isso, todos são chamados a participar da vida e missão da Igreja.

Os sínodos podem ser convocados em vários níveis: diocesano, provincial ou regional, patriarcal e universal, sempre para discernir à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo. Conforme consta em Atos, os cristãos são originariamente chamados como “os discípulos do caminho” (cf. At 9,2). Consequentemente, “aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra Sínodo. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática” (Francisco, 17/10/2015). Para a efetivação com sucesso do caminho sinodal, primeiramente, deve acontecer pela escuta recíproca, por meio da qual todos/as aprendem e todos/as estejam atentos/as e abertos/as à “escuta do Espírito Santo” (Francisco, 17/10/2015).

Além disso, hoje não é possível nem é viável para o cristão caminhar sozinho, porque precisamos de companhia para conhecer, descobrir coisas novas, sonhar, trabalhar, escutar e aprender com o outro, para progredir e seguir o caminho da fé. Esta consciência é uma verdade e uma graça de Deus. O “anúncio

do evangelho da paz, só será mais credível se for proclamado pelos cristãos, finalmente reconciliados em Jesus” (Francisco, 17/10/2015), e com o irmão de caminhada. Para isso, é preciso ser dócil se realmente quisermos ouvir a voz do Espírito. Não podemos deixar de ouvir o que Ele disse e continua a dizer a todos aqueles que voltaram a nascer da água e do Espírito” (Jo 3,5). Assim, é preciso permitir que o Espírito crie em cada um de nós a pessoa de Jesus de Nazaré, abertos ao outro, dispostos a aprender e atentos às diferentes vozes sobre questões que desafiam a fé, a comunhão e a diaconia no mundo de hoje, para que possamos ir em frente e caminhar juntos, percorrendo o caminho em unidade.

Portanto, a proposta de Igreja sinodal, antes de tudo, quer renovar as mentalidades e as estruturas eclesiais, discernir os sinais dos tempos e promover uma experiência de discernimento, participação e corresponsabilidade. É preciso, também, atualizar o diálogo entre a autoridade hierárquica do Papa e dos Bispos com o *sensus fidei* do Povo de Deus e, sobretudo, redescobrir-se pelas águas do batismo, por meio da escuta a si mesmo, para colocar em *práxis* o serviço da unidade, do diálogo de Deus com a humanidade. Em outras palavras, é preciso conversão para sinodalizar a Igreja como forma de vida e organização da comunidade cristã e, juntos, escutar o que o Espírito Santo tem a nos dizer (cf. Ap 3,6).

Por fim, conclui-se que o verdadeiro significado de sínodo recorda os conteúdos mais profundos da História da Revelação, pois o nosso Deus não é alguém acomodado em seu trono que espera seus filhos e filhas. Pelo contrário, é Ele quem toma a iniciativa e sai para ir ao encontro, pois, não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele quem nos amou e veio ao nosso encontro de modo grandioso, através de seu Filho (cf. 1Jo 4,10). Essa atitude de Deus torna-se modelo para a Igreja, para seu povo ir ao encontro e percorrer o caminho juntos.

1.2.2 Concílio

O termo “concílio” tem origem no latim *concilium*⁵ que significa assembleia ou reunião convocada pela legítima autoridade, que se reúnem para discutir e deliberar questões doutrinárias, teológicas e disciplinares que desempenham um

⁵ Conf. Comissão Teológica Internacional. A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html. Acesso em: 13 fev. 2022.

papel significativo na definição e formulação das opiniões e práticas da Igreja Católica. Essas assembleias desempenham um papel fundamental na evolução e preservação das tradições religiosas ao longo da história.

1.2.3 Colegialidade

Colegialidade estrutura hierárquica divinamente instituída, confiada aos apóstolos, para que a missão perpetuasse. Esses, por sua vez, incumbiram aos seus colaboradores imediatos, outros homens de terminar e consolidar a obra por eles iniciada. São os Bispos, sucessores dos apóstolos, juntamente com seus colaboradores, os sacerdotes do culto sagrado, presbíteros e diáconos que receberam o encargo de servir a Igreja. Colaboradores imediatos são administrados pelos ministérios de Cristo, dirigem, orientam e pregam a Palavra de Deus, pois representam o próprio Cristo. Assim, os bispos do mundo inteiro e, juntamente com o papa, que tem a autoridade suprema:

A ordem dos bispos, que sucede ao colégio apostólico no magistério e no regime pastoral, e na qual perdura continuamente o corpo apostólico em união com a sua cabeça, o Romano Pontífice, e nunca sem ele – é também detentora do poder supremo e pleno sobre a Igreja universal, mas este poder não pode ser exercido senão com o consentimento do Pontífice Romano. O colégio dos bispos, é, portanto, formado para exercerem poder próprio para o bem de seus fiéis e até de toda a Igreja. O poder supremo, que esse colégio possui sobre toda a Igreja, é exercido de modo solene no Concílio ecumênico (LG n.22).

A unidade colegial dos bispos manifesta-se e realiza-se em nível de comunhão entre as Igrejas, com as Igrejas particulares e com a Igreja Universal. Porém, cada bispo, lotado em uma Igreja particular, exerce o seu poder pastoral somente com os fiéis da sua jurisdição.

Portanto, compete aos bispos do mundo inteiro o dever de promover o bem-estar, defender a unidade, instruir os fiéis no amor de Cristo, como também zelar e proclamar o Evangelho para o mundo inteiro.

1.2.4 Leigos

A palavra “leigo” deriva do latim *laicus*⁶, que significa pessoa comum. Ou

⁶ HANSEN, Jean P. Leigos: um conceito em evolução. *Vida Pastoral* – Paulus – Dez. 2018 – ano 59 – n.324. – Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/educacao/leigo-um-conceito-em-evolucao/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

seja, é utilizado para descrever uma pessoa que não possui conhecimento especializado dum determinado campo ou área de estudo, apontando para uma significação empobrecida. Contudo, não é esta a acepção a ser considerada pela Igreja Católica, pois pelo batismo somos unidos a Jesus Cristo e participamos do seu *múnus* sacerdotal, profético e real. É pelo batismo que somos chamados a participar do sacerdócio de Jesus e doar-nos por inteiro, em corpo, mente e ação. Portanto, leigo tem seu pertencimento na comunidade. A Igreja é formada por discípulos e discípulas, leigos e leigas para dar continuidade ao trabalho iniciado por Jesus.

1.2.5 Sinodalidade

Etimologicamente, o termo “sinodalidade” significa “caminhar juntos”. Está relacionado ao adjetivo “sinodal”, ambos derivados da palavra “sínodo”. A palavra sinodalidade foi criada recentemente, logo, não consta no Concílio Vaticano II. No entanto, vem amadurecendo na consciência eclesial, pois a sinodalidade implica-se mutuamente, *intra* em retomar os processos, ações do Concílio Vaticano II, de uma Igreja “Povo de Deus” e *extra* em identificar interlocutores das diferentes estâncias. Portanto, fala-se de sinodalidade como elemento constitutivo da Igreja, ou seja, indica o *modus vivendi et operandi* – viver e trabalhar da Igreja Povo de Deus, que se manifesta na comunhão do caminhar juntos, em comprometimento e participação de que todos/as seus membros batizados são essenciais, enriquecidos pela graça de seus dons, carismas e vocação na prática do exercício na vida e missão evangelizadora da Igreja.

Assim, a sinodalidade reflete a busca pela unidade na diversidade, evidenciando a riqueza da comunidade cristã que se empenha em testemunhar a mensagem do Evangelho no mundo contemporâneo. Dessa forma, a sinodalidade não é apenas um conceito abstrato, mas orienta o *modus vivendi et operandi* da Igreja, promovendo o envolvimento conjunto, em que uma diversidade é reconhecida e valorizada.

Sinodalidade é, essencialmente, uma constante busca da unidade, o ser comunhão, visto que, a pertença de um povo tem um forte valor teológico, uma vez que, “não existe plena identidade sem pertença a um povo. Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus nos atrai considerando a complexa

trama de relações interpessoais que se realizam na comunidade humana” (Francisco, 27/07/2013). É o povo de Deus no caminho da história, com alegrias e dores; é o conjunto dos fiéis no crer, na fé.

1.2.6 Batismo

Dentre os sete sacramentos da Igreja Católica, o batismo é o primeiro e fundamental da vida cristã. Por ele, somos “libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, tornamos membros de Cristo, e somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão” (CIGC n.1213). O “batismo sela o cristão com um sinal espiritual indelével da sua pertença a Cristo” (CIGC n.1272).

O termo batismo - *baptizein*⁷ em grego quer dizer: mergulhar ou imergir – “mergulho na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual com Ele ressuscita, como nova criatura” (CIGC n.1214). “Batismo é sinal da salvação escatológica; nele Deus dá seu espírito, sua dispensação amorosa; por meio dele surge solidariedade entre todos os batizados” (Schneider, 2012, p. 208-209)⁷. Desse modo, “toda pessoa batizada acolhe a ação do Espírito Santo e reconhece Jesus como Filho de Deus, conseqüentemente, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade” (DAP n. 157).

Portanto, todos os homens e mulheres batizados são qualificados para inserir-se na comunidade e dar testemunho como filhos de Deus, uma vez que somos pensados, buscados e amados por Ele. A Santíssima Trindade concede ao batizado a graça santificante, da justificação, do poder de viver e agir pelos dons do Espírito Santo, permiti-nos crescer em solidariedade, comunhão e relações.

1.2.7 Mulher

Efetivamente, o termo “mulher” é de origem latina *mulier*, *muliéris*; no entanto, na origem etimológica é indeterminada. No dicionário *online*, mulher significa ser humano do sexo feminino ou do gênero feminino. No Inglês antigo, mulher traduzia *wifman*; *wif*, para mulher e *man*, em relação ao ser humano; com a

⁷ SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. – [tradutores Ilson Kayser, Luís Marcos Sander, Walter Schlupp]. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012. p.208.

ideia da mulher estar a serviço do homem.⁸ Na leitura da Bíblia, a mulher viúva era paradigma de pobre, excluída e oprimida. “As regulamentações de escribas controlavam a vida das mulheres ainda mais que as dos varões, e determinavam mais rigorosamente o acesso delas à presença de Deus no templo e na Torah” (Fiorenza, 1992, p.177), pois no “tempo de Jesus a mulher era considerada “ser inferior” e não podia estudar as Escrituras. Um rabino do século primeiro dizia: antes sejam queimadas as palavras da Torá que confiadas a uma mulher” (Fiorenza, 1995, p.171), ou seja, a história é marcada por um discurso universalizado patriarcal que exclui ou diminui o ser mulher. E ainda, nos dias de hoje, vivenciamos uma sociedade que comete injustiças revoltantes, com um imaginário preconcebido simplesmente pelo fato de ser mulher.

Por estarem submissas na história, abrigam experiências únicas, emoções e vivências culturais que permitem a reconstrução social. No álbum “Deus é Mulher” (2018), Elza Soares vale-se de um discurso musical e poético atual para tratar temáticas importantes. A artista aborda o empoderamento feminino e denuncia a violência e opressão vivida pelas mulheres, tratando também das mazelas sociais e do preconceito religioso existente em nosso país, ou seja, por meio de sua voz rouca e potente, colocou-se como porta-voz de uma transformação social necessária e urgente. Em sua música “Deus Há de Ser”, a cantora elenca conceitos e qualidades de Deus que é mãe, e todas as ciências femininas querem seu colo e calor divino, pois Deus há de ser fêmea, fina e linda.⁹

Consequentemente, surge novo modelo de discurso de construir a identidade feminina, a resignificação na história. Mas afinal, o que é uma mulher? – “As mulheres são pessoas humanas e por isso exige um livre desenvolvimento de plena personalidade para todos, para as mulheres e para os homens” (Fiorenza, 1995, p.70). Portanto, a mulher é mais que uma figura na sociedade: ela é símbolo de resiliência, esperança e perseverança. Seu impacto transcende fronteiras geográficas e cronológicas, iluminando o mundo com sua presença única e poderosa. Na interseção de suas diversas facetas, a mulher molda o curso da história, deixando um legado duradouro que ecoa através do tempo.

⁸ VESCHI, Benjamin. *Etimologia origem do conceito*. – 2020. – Disponível em: <https://etimologia.com.br/mulher/>. Acesso em: 10 mar 2024.

⁹ Deus é Mulher é o álbum da eterna cantora e compositora Elza Soares, lançado em 18 de maio de 2018 e considerado o 2º melhor disco brasileiro do mesmo ano. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/deus-ha-de-ser/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

2 SINODALIDADE E IGREJA

A *Constituição Dogmática Lumen Gentium* (1964), no capítulo primeiro, oferece um apanhado do mistério da Igreja, como sacramento. “Cristo é a luz dos povos. Consequência, a Igreja é em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano” (LG n.1). Cristo inaugurou na terra o reino dos céus, cujos mistérios revelou-nos, e, pela sua obediência, operou a redenção.

A “Igreja é o reino de Cristo já presente em mistério. Ela cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus” (LG n.3). Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, atua-se a obra da nossa redenção. É justamente com o sacramento do pão eucarístico que é representada e realizada a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo. Todos são chamados à união com Cristo, que é a luz do mundo, visto que, no “dia de Pentecoste o Espírito Santo foi enviado para santificar continuamente a Igreja” (LG n.4).

Desse modo, o Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis. A comunidade terá entendimento e “conhecimento da verdade”¹⁰ (Jo 16,13), que a unifica na comunhão e no mistério, enriquece-a com diversas vocações e carismas com as quais a embeleza. Além disso, com a força do Evangelho, renova a Igreja e renova-a incessantemente, e, ainda, eleva-a à total união consumada com o seu Esposo.

Contudo, o mistério da Igreja acontece em sua fundação, pois Jesus deu início à sua Igreja anunciando a Boa Nova. Depois de ter sofrido a morte na cruz pelos homens, ressuscitou como Senhor e derramou sobre seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai.

Agora, a “Igreja enriquecida de dons anuncia o perdão e a misericórdia de Deus em favor de todos. Jesus é o senhor da história.”¹¹ (cf. At 2,33s). Logo, a “natureza íntima da Igreja manifesta-se por variadas imagens” (LG n.6), quer da vida pastoril, quer da família e dos esponsais. Ainda, a Igreja é descrita como

¹⁰ Quando ele vier, o Espírito da Verdade, ele mesmo guiará vocês em toda a verdade, porque não falará em seu próprio nome, mas vai falar as coisas que tiver ouvido e anunciará a vocês as coisas que estão para vir.”

¹¹ Agora a comunidade dos seguidores anuncia o perdão e a misericórdia de Deus em favor de todos. “Jesus é o Senhor da história, o Messias que veio cumprir as promessas.”

“esposa imaculada do Cordeiro imaculado” ¹²(cf. Ap19,7).

Cristo ama a Igreja como sua esposa, visto que “amou e se entregou por ela a fim de santificá-la¹³” (Ef 5,25s), “que une a si em aliança indissolúvel, e incessantemente” (LG n.6) “alimenta e dela cuida¹⁴” (Ef 5,29), ou seja, trata-se, portanto, do comprometimento de todo cristão do serviço e amor, pois o batismo nos configura com Cristo.

Assim, a sinodalidade concretiza-se primeiramente na igreja particular, visto que a “Igreja local é a instância real da comunhão na fé, onde ouve-se o Evangelho, celebram-se os sacramentos e vive-se a fraterna concórdia entre os membros da ‘congregação dos santos’, o povo de Deus” (Wolff, 2023, p.23), pois essa faz parte da Igreja Católica, que, guiada pelo seu Bispo, é chamada à conversão missionária. A sinodalidade também se concretiza através da participação plena e ativa de todo povo de Deus, expressa na celebração eucarística e litúrgica, e/ou pela oração do mesmo altar, no qual preside o bispo, sacerdotes e ministros, fortalecidos em uma eclesiologia de comunhão missionária, “em saída”, que “primeireiam¹⁵”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG n.24).

Convém destacar a importância que os bispos e sacerdotes têm em conhecer a história e cultura do local, pois assim favorece a vida concreta e o “exercício de um estilo sinodal e constituem a base para uma eficaz conversão” (CTI n.77). Desse modo, através do “testemunho da vida de cada um dos fiéis e de toda a comunidade, um sinal a mostra-lhe Cristo” (AG n.20), permite-se uma incisiva ação das estruturas sinodais e missão.

Logo, a “paróquia é a comunidade de fiéis que realiza de forma visível, imediata e cotidiana o ministério da Igreja.” (CTI n.83). Além disso, é na vida paroquial que se fraterniza, se solidariza, se evangeliza e se experimenta a comunhão nas diversas vocações. Por fim, é na vida paroquial que se partilha vida,

¹² Vamos ficar alegres e contentes, vamos dar glória a Deus, porque está na hora do casamento do Cordeiro, e sua esposa já está pronta.”

¹³ “A relação de Cristo com a igreja, comum na Bíblia, como convivência de esposo e esposa (2Cor11,2). A relação de amor entre Cristo e a igreja é o modelo de todas as demais relações conjugais. ¹⁴ “Porque ninguém jamais quis mal à sua própria carne; pelo contrário, lhe dá alimento e cuida dela, assim como Cristo faz com a igreja.”

¹⁴ “Porque ninguém jamais quis mal à sua própria carne; pelo contrário, lhe dá alimento e cuida dela, assim como Cristo faz com a igreja.”

¹⁵ “A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam O neologismo significa tomam a iniciativa. O termo “primeireiam” é usado pelo Papa Francisco em sua *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013, p.21, n.24.

serviço e missão.

2.1 SINODALIDADE NO CONCÍLIO VATICANO II

Na Igreja Católica, o Papa João XXIII impulsionou a modernidade ao convocar o Concílio em 25 de janeiro de 1959. Audacioso, desejava colocar a Igreja em um tempo novo, ou seja, atualizar e dialogar, através do *Concílio Ecumênico* (1962 a 1965); logo, queria um agir de dentro para fora da igreja, com a consciência que nos reúne em um patamar ecumênico com a criação. Inaugurou uma nova temporada para a Igreja, pois muitas renovações aconteceram em diferentes âmbitos da Igreja, tanto para as práticas pastorais quanto para as reflexões teológicas.

No conjunto dos dezesseis documentos oficiais, mensagens e discursos, o Vaticano II produziu um novo capítulo na história da Igreja Católica. Inovou sem romper com a doutrina, propôs a reforma litúrgica em diálogo na pluralidade de culturas, na luta pelos direitos humanos, comprometida com os pobres, com os leigos e leigas, com o diálogo ecumênico e inter-religioso, enfim, resgatou o conceito de “Povo de Deus” e propôs a “doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão para que, ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame” (DV n.1).

O *Concílio* constitui, de fato, o hoje da Igreja Católica, pois sua importância permanece em sintonia com o mundo. “É necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático” (GS n.4). A humanidade avança rapidamente em suas conquistas científicas e tecnológicas. Contudo, boa parte da população mundial é atormentada pela fome, miséria e analfabetismo, consequências que reivindicam um novo olhar atento da fé cristã.

O *Concílio* recomenda “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo” (SC n.1), ou seja, incrementar e reformar, “para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja” (SC n.2). A liturgia importa com a necessidade de promover a formação litúrgica e a participação ativa de todos os fiéis “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1Pd 2,9). Todo leigo cristão tem o direito e a obrigação, por força do batismo, de ajudar

os sacerdotes no ministério, cumprindo seu dever dispensador dos mistérios de Deus. Por isso, a mãe-Igreja solicita que todo cristão não apenas seja expectador nas celebrações, mas que tenha participação ativa dos fiéis na ação sagrada. Assim, entende-se que:

Consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos na palavra de Deus; alimentem-se na mesa do corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmo, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que dia após dia, por meio de Cristo mediador progridam na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (SC n.48).

Portanto, o Concílio Vaticano II deseja a aproximação e mútua integração entre os indivíduos, fortalecendo-os socialmente na unidade e na ação em todos os campos.

2.1.1 Sinodalidade como ação do Espírito na vida eclesial e no conjunto do Povo de Deus

Ainda que oculto, mas com imenso brilho e poder abrasador, o Espírito Santo é o guia supremo do ser humano e da Igreja. É o Espírito que dá vida e anima a Igreja sinodal e os cristãos, em experiência de comunhão, pois quem reúne é o Espírito que é comunhão. A partir da tomada de consciência sobre a presença do Espírito Santo como pessoa trinitária, é que nos permite identificar o Espírito Santo como morada da Igreja e do coração dos fiéis, sobretudo, o seu papel fundamental para a missão, pois é o Espírito, “maneira que Ihe é própria, continuará a inspirar a divulgação do Evangelho da salvação” (João Paulo II, 1986, p.12).

Como consta na profecia de Isaías, fazendo alusão à vinda de Jesus, associa a sua pessoa e a sua missão a uma ação particular do Espírito do Senhor. O sopro é a vida e realiza-se na relação do Espírito Santo que é Amor, Amor de Deus. Os dons da graça concretizam-se e se propagam pela ação do Espírito, através do ser humano. É o Espírito que se abre para a criação, o chamado de uma vida conforme a existência de Deus que é comunhão; consequentemente, a participação dos seus membros no discernimento e missão. A prática da sinodalidade torna-se, de fato, de maneira visível, por meio da vocação de cada

ser humano, na forma como vive a comunhão, através do dom sincero de si, na união com Deus e na unidade com o outro.

O “Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é harmonia. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade.” (EG n.117). A *Comissão Internacional de Teologia* (2018) explana os fundamentos teológicos da sinodalidade através do Espírito Santo, que permite a vida em comunhão. No dom e no empenho, “encontram-se a fonte, a forma e o escopo da sinodalidade”, em que exprime seu modo de viver e trabalhar do povo de Deus, na participação e missão. “A sinodalidade traduz-se, de fato, em concreto, a vocação da pessoa humana em viver a comunhão que se realiza, através do dom sincero de si, na união com Deus e na unidade com os irmãos e irmãs em Cristo” (CTI n.43); como também, o “Espírito Santo, do íntimo dos corações, anima e plasma a comunhão e a missão da Igreja” (CTI n.44), em virtude de crer que a Igreja é uma, pois possui sua fonte na Santíssima Trindade. É o povo de Deus peregrino que busca continuamente o reconciliar de todos os povos na unidade de Cristo. A Igreja é santa porque é obra da Trindade. E vivifica, pelo amor e a graça do Pai, infundido nos corações mediante o Espírito Santo. Assim, o “povo de Deus caminha rumo à perfeição da Santidade” (CTI n.45). Vale ressaltar que a “ação do Espírito na comunhão do Corpo e no caminho missionário do povo de Deus é o princípio da sinodalidade” (CTI n.46).

João Paulo II afirma, em sua carta encíclica *O Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo* (1986), que:

O Espírito Santo será o Consolador dos Apóstolos e da Igreja, sempre presente no meio deles – ainda que invisível – como mestre da mesma Boa Nova que Cristo anunciou. Aquele “ensinara” e “recordará” a inspirar a divulgação do Evangelho da salvação, mas também que ajudará a compreender o significado exato do conteúdo da mensagem de Cristo; que ele assegurará a continuidade e identidade de compreensão dessa mensagem, no meio das condições e circunstâncias mutáveis. Por conseguinte, o Espírito Santo fará que perdure sempre na Igreja a mesma verdade, que os Apóstolos ouviram do seu Mestre (João Paulo II, 1986, n.4, p. 12).

João Paulo II reforça que o Espírito Santo continuará a inspirar a divulgação do Evangelho da salvação. O Sumo Pontífice continua: “O Espírito Santo deve ser, em tudo isso, o guia supremo do homem, a luz do espírito humano” (João Paulo II,

1986, n.6, p.14). Dessa forma, guiado pelo Espírito da verdade, o povo de Deus é convidado a participar de forma responsável da missão eclesial. Logo, toda pessoa batizada é responsável pela missão eclesial, da mesma forma, “a igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (AG n.2). Assim, formamos a comunidade, de comunhão fundante e corresponsável da missão evangelizadora auxiliados e guiados pelo Espírito – razão teológica ou *modus vivendi et operandi* é a – sinodalidade – igreja sinodal – e, conseqüentemente, mantenedora da fé e da espiritualidade. “O Espírito habita na igreja e nos corações dos fiéis, como num templo.¹⁶¹⁶” (cf. 1Cor 3,16), uma vez que somos instrumentos da ação do Espírito que conforma a pessoa humana a Jesus e cristifica o ser humano.

É importante ressaltar que é o Espírito que dá vida e movimenta a igreja sinodal e os cristãos em experiência de comunhão, pois quem reúne é o Espírito que é comunhão da igreja. Conseqüentemente, é uma pneumatologia da sinodalidade missionária e da espiritualidade da comunhão sinodal. Ao professar a fé em uma igreja una, santa, católica e apostólica “é Cristo que, pelo Espírito Santo, dá à sua igreja o ser una, santa, católica e apostólica, e é também Ele que convida a realizar cada uma dessas qualidades” (CIgC n.811). Isto quer dizer que é o Espírito agindo na plenitude da unidade, da santidade, da catolicidade e da apostolicidade da igreja, marcada pela alegria do evangelho.

Portanto, é o Espírito que suscita novos caminhos para a evangelização, novas perspectivas missionárias, promoção humana integral e a defesa da vida. Ser missionário na íntegra comporta ser, “cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionário do Senhor, com o testemunho e a entrega generosa” (DAp n.178), ser comprometido com a vida, e com as relações cotidianas. Conclui que o povo de Deus é chamado para seguir o caminho da vontade do Senhor ressuscitado e a dar continuidade à prática comunitária em suas respectivas funções.

Além disso, é preciso colocar-se atento na escuta da voz do Espírito para discernir o caminho da vida verdadeira, aberto à fé. Todo batizado em Cristo é corresponsável pela vida e missão eclesial. Assim, formamos a comunidade, ou seja, comunhão fundante da missão, auxiliados pelo Espírito. Melhor ainda, somos

¹⁶ “A comunidade cristã é comparada ao próprio templo de Deus. Como no antigo Templo de Jerusalém residia a glória de Deus (Ex 40,27), assim no corpo da pessoa revestida de Cristo habita o Espírito de Deus.”

convidados a viver e trabalhar na Igreja e na sociedade; somos a sinodalidade, caracterizada pela conversão sinodal, como, também, a Igreja é chamada a reavivar os mistérios dos carismas e discernir os caminhos da evangelização através da escuta do Espírito.

A Igreja, por natureza, é missionária e tem sua origem no “amor fontal de Deus” (AG n.2) possui sua fonte na unidade divina que é comunitária, pois cada Pessoa Divina está em comunhão com as outras duas pessoas. É o “Povo de Deus” em constante peregrinação para se reconciliar na unidade do Corpo de Cristo, mediante o Espírito. “A ação do Espírito na comunhão do Corpo de Cristo e no caminho missionário do povo de Deus é o princípio da sinodalidade” (CTI n.46).

Com efeito, um amor que brota do amor de Deus irradia-se e expande-se para todo o universo. A Igreja participa em Cristo mediante o Espírito Santo, que é princípio da comunhão, portanto, relacional. A autêntica vida no Espírito caracteriza-se pelo recebimento de dons, que se manifesta de muitas formas e constitui um só corpo, ou seja, o Espírito é o agente que move e faz realizar a caridade, a misericórdia e a acolhida do outro, para nos tornarmos uma só unidade em comunhão. “No dom e no empenho da comunhão, encontram-se a fonte, a forma e o escopo da sinodalidade” (CTI n.46).

O caminho sinodal da Igreja é constituído e alimentado pela comunhão. Essa é o centro da vida cristã. Portanto, a sinodalidade tem como sua ‘fontalidade’ a celebração litúrgica e na participação eucarística, em que nos tornamos um só Pão e um só Corpo.

2.1.2 Fiéis leigos e leigas no caminho da sinodalidade

O caminho da sinodalidade apontado pelo Papa Francisco é o “caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio” (CTI n.1), ou seja, que todos/as os batizados são chamados a participar e cooperar na missão, “cada um a seu modo, dos três ofícios de Cristo, profeta, sacerdote e rei. Em particular, ele ensinou que Cristo cumpre o seu papel profético não só através da hierarquia, mas também por meio dos leigos” (CTI n.4), uma vez que, o sacramento do batismo é considerado sinal da vida nova em Cristo, ou seja, é fundamental para a vida toda dos cristãos. Desse modo, todos os batizados, devem, portanto, caminhar juntos, lado a lado, homens e mulheres, para o crescimento e o fortalecimento da Igreja sinodal.

Se o batismo é o fator determinante, então é importante que os fiéis despertem para o sentido de ser Igreja, o que chamo de 'quociente eclesial', e isso requer um processo que lhes permita exercer a liderança espiritual e teológica sem o rótulo eclesial. A menos e até que os fiéis sejam treinados para assumir a responsabilidade eclesial, o poder da sua graça batismal poderá permanecer latente (Abraham, 2021, p.204, tradução nossa).¹⁷

Consequentemente, o batismo nos coloca em igualdade de gênero, de pertença a Deus, qualificados para inserir na comunidade, viver em comunhão e em relação e sobretudo, dar testemunhos como filhos de Deus. Contudo, é necessário nos redescobrimos pelas águas do batismo para podermos ressignificarmos novas formas e práticas de vivência e união entre homens e mulheres, laicato e clérigo.

Fato que é tão grande a importância do laicato dentro da Igreja que o Concílio Vaticano II empenhou-se em escrever um decreto relativo à natureza, à dignidade, à espiritualidade, à missão e à responsabilidade dos fiéis leigos. Dirige-se aos fiéis leigos e leigas, reconhecendo-os, cujas funções, próprias e necessárias na missão eclesial.

O apostolado dos leigos, uma vez que dimana da sua própria vocação, jamais pode deixar de existir na Igreja. A própria Sagrada Escritura demonstra abundantemente quão espontânea e fecunda foi tal atividade nos primórdios da Igreja. Ora os nossos tempos exigem não menor zelo dos leigos; pelo contrário, as circunstâncias atuais reclamam da parte destes, um apostolado mais fecundo e absolutamente mais vasto. [...] a Igreja dificilmente poderia estar presente e ativa sem o concurso dos leigos (AA n.1).

Assim, pede a todos os cristãos leigos – homens e mulheres – “que respondam com decisão de vontade, ânimo e disponibilidade de coração à voz de Cristo, que nesta hora os convida com maior insistência, e ao impulso do Espírito Santo” (João Paulo II, 30/12/1988), pois todos os leigos e leigas são convidados a colocar-se no serviço da construção da comunidade eclesial e da sociedade em geral. Jesus definiu seus discípulos e a missão que a eles conferiu, isto é, que sejam: “Sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13s), visto que as imagens evangélicas do sal e luz são significativas e aplicadas aos leigos/as. São símbolos milenares de

¹⁷ “A Si el bautismo es el factor determinante, entonces es importante que los fieles despierten con el sentido de ser Iglesia, lo que yo llamo el ‘cociente eclesial’, y esto requiere un proceso de habilitación de su capacidad para ejercer el liderazgo espiritual y teológico sin la etiqueta clerical. A menos y hasta que los fieles sean formados para asumir la responsabilidad eclesial, el poder de su gracia bautismal podría permanecer latente” (Abraham, 2021, p.204).

conservação e de iluminação do que deve permanecer, continuar e durar. Eles possuem significados densos, preciosos para a vida, a identidade, a espiritualidade e a missão do leigo/a, uma vez que nem o sal nem a luz nem a Igreja e nenhum cristão vive para si mesmo. Fato é que “sua missão é sair de si, iluminar, se doar, dar sabor e se dissolver¹⁸ (Cf. CNBB n.105).

Vale ressaltar que os/as leigos/as têm um papel insubstituível, são verdadeiros sujeitos eclesiais.

Aberto ao diálogo, à colaboração e a corresponsabilidade com os pastores. Como sujeito eclesial, assume seus direitos e deveres na Igreja, sem cair no fechamento ou na indiferença, sem submissão servil nem contestação ideológica. Ser sujeito eclesial significa ser maduro na fé, testemunhar amor à Igreja, servir os irmãos e irmãs, permanecer no seguimento de Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo (CNBB, Doc105 n.119).

O leigo/a tem uma grande função a desempenhar na Igreja e na sociedade. O Papa Bento XVI escreveu que os leigos/as são “embaixadores de Cristo, no espaço público, no coração do mundo” (Bento XVI, 2011, n.128). São, pois, sujeitos ativos, convidados a compartilhar a missão à sua maneira, em seu modo singular.

A missão tornou-se paradigma estruturante de todo existir e agir eclesial no mundo de hoje. Os leigos e leigas tornam-se parte da comunidade eclesial, conduzem a Igreja, colaboram com seus dons, carismas, funções e ministérios e, sobretudo, evangelizam, dessa forma, a unidade que se concretiza pela diversidade. À vista disso, o Concílio propõe união íntima entre Igreja e toda família humana, uma vez que se prestam mútuo serviço, pois todos “são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus” (GS n.24).

No entanto, reconhece que há variedade de forças, físicas, intelectuais e morais em cada pessoa. Destaca, ainda, a importância do não equiparar forças e capacidades de cada um, porque “qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião” (GS n.29) é contrária à ação e à

¹⁸ CNBB Doc 105, 2016, p. 15 – “Cada cristão leigo e leiga é chamado a ser sujeito eclesial para atuar na Igreja e no mundo. A Francisco de Assis o Cristo Crucificado ordenou: “Vai e reconstrói a minha Igreja”. Temos firme esperança de que continuarão dando grande contribuição à renovação da Igreja de Cristo e sua atuação no mundo.”

vontade divina.

Portanto, os leigos/as são convidados a reunir-se em um patamar ecumênico de mútua integração entre os indivíduos, fortalecendo-os socialmente na unidade, na ação em todos os campos.

2.1.3 A missão evangelizadora em perspectiva Sinodal

Etimologicamente, o termo evangelizar tem sua origem na palavra Evangelho, que, no Segundo Testamento, tem sentido de uma mensagem que “produz alegria e paz” [...] No Novo Testamento, não encontramos a palavra evangelização, “mas o verbo “evangelizar” é encontrado 57 vezes (28 em Paulo, 15 nos Atos, 10 em Lucas), e “evangelho” 76 vezes, das quais 60 em Paulo. Aqui, “evangelho” é a “boa notícia de Deus” [...] traz para a humanidade”. [...]. Assim, evangelizar consiste no anúncio da Boa Nova do Reino, “sinal do amor salvífico e libertador de Deus para com o mundo” (Wolff, 2018, p.334-335).

Consequentemente, a missão evangelizadora “acontece no encontro, no abraço, na acolhida, no reconhecimento da infinitude da verdade que aponta para Deus que está em mim, em você, em nós” (Wolff, 2016, p.61). Os discípulos assumiram com coragem o mandado missionário conferido por Jesus Cristo – “Ide e ensinai” (Mt 28,19s). Esse mandado estimou a vida de seus seguidores, que assumiram a tarefa de anunciar e iluminar o mundo. A ação missionária acontece no diálogo, na escuta atenta e recíproca, no cuidado e respeito com o outro. O Papa Francisco disse: “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (EG n.273). E, conduzindo a oração do *Angelus* (03/07/2016), endossa o sentido da “missão do cristão no mundo é maravilhosa e está destinada a todos” requer muita generosidade e, sobretudo, “o olhar e o coração voltados para o alto” para “invocar a ajuda do Senhor”, pois, há tanta “necessidade de que cristãos testemunhem com alegria o Evangelho na vida de todos os dias.”

Na *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (1975), Paulo VI afirmou que “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade”. Portanto, a “Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze”. (EN n.15). Evangelizar é dar testemunho, de modo simples e direto; é ir

ao encontro.

Todos os cristãos são chamados a dar testemunho. São os verdadeiros evangelizadores, isto é, “para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização” (EN n.41). Nesse sentido, ressalta-se que a Palavra transforma, de maneira significativa, a vida e a relação da pessoa humana, como nos mostra a história da igreja com testemunhos dados por homens e mulheres da graça divina.

São muitos acontecimentos da vida e as situações humanas que proporcionam a ocasião para um anúncio, discreto, mas incisivo. Basta apenas sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus. “A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar” (EG n.24). Portanto, toda a Igreja é chamada para evangelizar.

Contudo, existem “diferentes tarefas evangelizadoras que não de ser desempenhadas. Tal diversidade de serviços na unidade da mesma missão é que constitui a riqueza e a beleza da evangelização” (EG n.66). Entre os anunciadores da Palavra, estão os cristãos leigos e leigas, homens e mulheres de boa fé.

2.2 A SINODALIDADE NA IGREJA LATINO-AMERICANA

A Igreja, sacramento de comunhão, constitui o lugar onde os homens e mulheres, encontrando a Jesus, podem descobrir o amor do Pai. Ou seja, a Igreja diz respeito a todos os membros da comunidade que acolhe a Revelação.

A mensagem de salvação e a missão não são algo que recai sobre o Povo de Deus, ou sobre uma Igreja já constituída em si mesma e que, num segundo momento, se tornaria atuante. Revelação e atuação são realidades intrínsecas e constitutivas da própria Igreja, de modo que a colegialidade e a decorrente função ministerial não podem ser concebidas fora do contexto da sinodalidade eclesial (Brigenti, 2020, p.203).

Convém ressaltar que a evangelização da América Latina não é somente um dom do Cristo Ressuscitado, mas é também fonte de novas responsabilidades sociais, pois o Continente enfrenta lutas sociais de desigualdades econômicas e de discriminações políticas. Contudo, a Igreja da América Latina possui seu

conflito interno de “unidade e missão” (Bucker, 1995, p.35). Fato que, os teólogos e teólogas inseridos no seio do povo e que procuram realizar a teologia como serviço na práxis, “se encontram mais perto da complexa realidade de miséria do Continente, vivem a compaixão do aspecto missionário; e aqueles que se encontram mais orientados a vigiar a pureza da fé encarnam o pólo da unidade” (Bucker, 1995, p.36). A referida comunhão requer que se conserve o depósito da fé na sua pureza e integridade, bem como a unidade de todo o Povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Desse modo, a “igreja na América é chamada a anunciar, com renovado vigor, que a conversão consiste na adesão à pessoa de Jesus Cristo, com todas as implicações teológicas e morais ilustradas pelo Magistério eclesial” (João Paulo II, 1989, n.53). A busca pela conversão e do caminhar na esperança e na fé que anuncia o supremo benefício da Encarnação do Filho de Deus.

3 A IGREJA SINODAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

O pontificado do Papa Francisco marca um momento histórico para a Igreja Católica, pois é primeiro papa latino-americano a liderar a instituição. Desde o início de seu papado, em 2013, Francisco trouxe um olhar renovador para a Igreja, destacando-se por sua abordagem pastoral e sua ênfase na práxis do Concílio Vaticano II. Conhecido como Jorge Mario Bergoglio, originário da Argentina, trouxe consigo uma perspectiva única enraizada em sua experiência na Igreja Latina. Sua trajetória pastoral, nas periferias urbanas de Buenos Aires, influenciou profundamente sua visão de uma Igreja mais próxima das pessoas, especialmente dos mais marginalizados e necessitados.

Assim, propõe “uma nova etapa evangelizadora” (EG n.17), uma “Igreja em saída” (EG n.20), que não se feche em si mesma, mas que vá ao encontro das pessoas, compartilhando a mensagem do Evangelho de maneira autêntica e compassiva. Ele destaca a necessidade de uma renovação missionária que vá além das estruturas tradicionais da Igreja e alcance aqueles que estão distantes, desencorajados ou desiludidos.

Além disso, o Papa Francisco tem promovido uma abordagem mais colegiada e participativa na tomada de decisões dentro da Igreja, encorajando uma maior descentralização e a valorização das opiniões e experiências locais. Desse modo, Francisco convocou toda a Igreja para o processo sinodal de 2021-2023 – *“Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão”*, pois busca dar continuidade ao programa de reforma iniciado no Concílio Ecumênico Vaticano II. Ao usar o termo “em saída”, deixa claro que deseja uma “Igreja com as portas abertas”, não mais aprisionada à própria referência, congregacionista. Destaca ainda que: “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai” (EG n.46), e que “todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade” (EG n.47). Por consequência, seu papado tem sido caracterizado por uma ênfase na misericórdia, na proximidade com os mais pobres e na promoção de uma Igreja ativa e comprometida.

Desse modo, o sumo pontífice convida a Igreja a questionar-se sobre sua missão e, ainda, audacioso e cheio de convicção, propõe que o povo de Deus seja consultado em suas alegrias e suas esperanças, angústias e sofrimentos. Segundo ele, tudo o que Deus pede-nos é que caminhemos juntos em patamar de

igualdade entre leigos, pastores, Bispo de Roma, contudo, é muito fácil de exprimir em palavras, mas não é tão simples pôr em prática. A propósito disso, o Sumo Pontífice diz que:

O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja ao terceiro milénio. Uma Igreja sinodal é uma Igreja de escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. O sínodo dos Bispos é o ponto de convergência deste dinamismo de escuta, efetuado a todos os níveis da vida da Igreja. O caminho sinodal começa por escutar o povo, que participa também da função profética de Cristo. [...] A sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, oferece-nos o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico. Pois a Igreja nada mais é do que este caminhar juntos do Rebanho de Deus pelas sendas da história ao encontro de Cristo Senhor -, entenderemos também que dentro dela ninguém pode ser elevado acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém se abaixe pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho (Francisco, 17/10/2015).

O Papa Francisco também observa a importância da hierarquia no dinamismo de comunhão no exercício da sinodalidade. Primeiramente, fala sobre:

Igrejas particulares que devem ser valorizados como ocasião de escuta e partilha, e, em segundo nível é o das Províncias e das Regiões Eclesiásticas, dos Concílios Particulares e Conferências Episcopais. E por último diz que é o da “Igreja universal que une os Bispos entre si e com o Papa na solicitude pelo povo de Deus. Ressalta ainda, sobre o compromisso de edificar uma igreja sinodal – missão a que todos somos chamados, cada qual na função que o Senhor lhe confia – está cheia de implicações ecumênicas. A Igreja tende a se fortalecer, uma vez que, o caminhar junto, é mais produtivo para a natureza da ‘Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário e permite anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada’ (Francisco, 17/10/2015).

Portanto, este é o itinerário sugerido pelo Papa Francisco, que é “fruto da “atualização” proposta no Concílio Vaticano II, pois constitui dom e tarefa no caminhar de todos, lado a lado com a proximidade e misericórdia, compartilhando as dificuldades da história, cultivando sonhos, enfim, refletindo juntos sobre o caminho já percorrido e experimentado, com o propósito de edificar-se com justiça e fraternidade.

Desse modo, a “Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar participação e a abrir-se à missão” (Francisco, 17/10/2015), e, sobretudo, para gerar um mundo melhor e digno, hoje e para as próximas gerações.

3.1 O SÍNODO SOBRE SINODALIDADE

O Sínodo sobre sinodalidade representa um marco significativo na trajetória da Igreja Católica, uma vez que se tornou um período de reflexão profunda, diálogo aberto sobre a natureza e a prática do caminhar juntos na vida da comunidade cristã. A sinodalidade é vista como um princípio essencial, pois visa fortalecer os laços entre o clero e os leigos, enfatizando a corresponsabilidade de todos os batizados na missão da Igreja.

Contudo, o novo gera conflitos e opiniões dividem-se. A saída foi reunir as tendências em busca de um acordo. O Sínodo é relatado em Atos 15. No primeiro versículo do Salmo 149, “ressoe seu louvor na assembleia dos fiéis”, São João Crisóstomo interroga seus ouvintes:

Em que consiste a ação e graças? Vedes vós, como se deduz do louvor em coro, que antes da palavra requer a ação de graças, que se dá pela vida e pelas boas obras? Para ação de graças não basta, pois, somente a palavra, sem que concorram as obras de virtude. Louvor a ele na assembleia dos santos. Aqui ensina ainda outra coisa. Mostra que é necessário oferecer o louvor ao mesmo tempo e com todos. A Igreja é uma assembleia, e sínodo é o seu nome (João Crisóstomo, 149,1).¹⁹

A realização do sínodo é uma praxe muitíssimo comum no âmbito da Igreja católica. É o caminho que busca a comunhão, participação e missão, três palavras-chave do sínodo. Além disso, o sínodo destaca a importância do discernimento espiritual como guia no processo sinodal. Reconhece que, ao buscar a vontade de Deus em conjunto, a comunidade cristã pode beneficiar-se da sabedoria coletiva, da diversidade de perspectivas e da riqueza espiritual de cada membro.

O Concílio Vaticano II definiu que a comunhão constitui a própria natureza da Igreja e, ao mesmo tempo, afirmou que a Igreja recebeu a missão de anunciar e instaurar o Reino de Deus em todos os povos. Constitui, assim, o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra” (LG n.5). A *koinonia*²⁰ faz brotar a missão de ser sinal de união íntima da família humana com Deus. Através destas

¹⁹ 1S. JOÃO CRISÓSTOMO. *Exp. In Psalm. 149,1*

²⁰ WOLFF, Elias. *Meditações sobre Oikoumene*. Editorial, São Paulo, 2016, p.30. Koinonia termo grego que significa comunhão. “Ecumenismo, oriundo de oikoumene, portanto, diz respeito, portanto, ao mundo como lugar do ser/existir e ao modo de ser no mundo. Amplia-se o horizonte semântico do termo: a ecumene abriga todos os seres, todos os povos, todos os credos, alargando a meta da unidade/comunhão buscadas.”

duas palavras, comunhão e missão, a “Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão *ad intra* e fonte de missão *ad extra*” (Francisco, 09/10/2021).

Ainda, há a terceira palavra: participação, que alude a ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da atividade. Celebrar um sínodo é muito importante, porque se torna expressão viva do ser Igreja, marcado pela participação de todos/as os membros agraciados pelo batismo, de igual dignidade dos filhos de Deus, embora na diferença de ministérios e carismas. A vida cristã é um caminho de pertencimento, um projeto para vivenciar, testemunhar, envolver-se pelo mistério, cuja sua essência missionária tem origem no Deus Uno e Trino. Além disso, são necessários os seguintes traços de personalidade: perseverança, coragem, sensibilidade e docilidade à voz do Espírito Santo.

A perspectiva da sinodalidade eclesial promove a partilha no compromisso e cooperação *ad intra* e *ad extra* para o fortalecimento da fraternidade, um instrumento de crer e viver em Deus, um jeito de ser da igreja de interagir e de se relacionar guiados e orientados pelo Espírito. Logo, o resultado desejado do sínodo sobre a sinodalidade é uma Igreja mais dinâmica, inclusiva e aberta ao Espírito Santo. Pretende-se promover uma cultura sinodal que transcenda as fronteiras geográficas e culturais, permitindo que a Igreja responda, de maneira eficaz, aos desafios contemporâneos, mantendo-se fiel à sua missão de proclamar o Evangelho e de promover o Reino de Deus na terra.

3.2 SINODALIDADE E MISSÃO EM FRANCISCO

A Igreja é, essencialmente, caminho a percorrer por homens e mulheres em comunhão, pois todos os membros são agraciados em virtude do Batismo, com participação ativa do ser e de fazer acontecer a missão. Trata-se de caminhos de vida plena e verdadeira. Contudo, o coração missionário está consciente de sua fraqueza e limitações, como, também, está “ciente dos problemas sociais que o povo sofre. A Igreja é chamada a “primeirar” nas lutas por justiça e direitos socioambientais” (Wolff, 2021, p.813). Somos chamados a encontrar-nos com as diversas condições de tantos outros irmãos e irmãs. Por isso, “quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG n.9). A Igreja missionária é chamada a agir no mundo

como comunidade em saída no horizonte das periferias humanas existenciais. É a diaconia dos seguidores e seguidoras de Jesus.

Com profundo espírito cristão, o Papa Francisco propõe o caminho para conversão em todos os níveis e que cada um de nós seja encorajado e encontre sensibilidade no coração. Para o pontífice, torna-se necessária uma sincera conversão. Mas é preciso unir esforços de todos/as, solicitude para com o sacerdote, relevância nas instituições e articulação nas estruturas formais da ação missionária, para que, assim, ofereça uma resposta de justiça e em promoção e defesa da vida. Desse modo, dirige-se aos fiéis cristãos a fim de convidá-los/as para uma nova etapa evangelizadora marcada pelo espírito missionário e indica caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. Assim, por meio de suas Cartas Encíclicas e Exortações Apostólicas, suscita a exercitarem com cuidado e discernimento a escuta do Espírito Santo, que pressupõe atitudes de humildade que permitam ir além do exclusivismo e da indiferença, mas de colocar-se na mesma linha do horizonte, tirando o manto do poder e amarrando a toalha na cintura em prol da missão, participativa e corresponsável.

Em 2013, o Papa Francisco, através da *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, convida cada cristão para renovar o seu encontro pessoal com Cristo Jesus, ou “deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia sem cessar” (EG n.3).

Francisco orienta para uma nova etapa evangelizadora de encontro ou reencontro com o amor de Deus e com os irmãos. “Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora” (EG n.8). Que seja uma Igreja de saída, cheia de ardor e dinamismo e que vise à totalidade do Povo de Deus, à inclusão dos pobres em comunhão missionária, uma vez que a prática missionária “ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” (EG n.15).

Como se vê, uma Igreja em saída com ação concreta indica uma permanente leitura cristã e uma aproximação com a realidade e com povo. Consequentemente, o Bispo deve ater-se e pôr-se à frente, indicar o caminho, sustentar a esperança e manter-se no meio de todos com proximidade e, em “certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasam” (EG n.31), ou seja, ser missionário vai muito além de cumprir metas e fechar balanços. É necessário coragem e voz profética numa sociedade sem

horizonte, absorvida pela cultura do consumo, do descarte e sobretudo pelo individualismo. A legítima conversão acontece através do diálogo, do encontro ou do reencontro, pois o diálogo respeitoso e sincero é o caminho para o bem-viver, a troca de dons, o Espírito conduz cada vez mais à verdade (cf. EG n.250).

Francisco (2015) oferece a *Carta Encíclica Laudato Si*, por meio da qual propõe a conversão ecológica que tem como fonte os elementos tradicionais da fé judaico- cristã, do Magistério de seus predecessores e do pensamento humanista e científico recente, do cuidado com a “Casa Comum”. Escreve a partir de suas experiências cristãs, e seu ensinamento articula-se tendo por base a dignidade da vida. Recorda que o desenvolvimento de uma ecologia íntegra é tanto um chamado como um dever. (Cf. LS n.3-9). Destaca a capacidade do cristianismo para tal contribuição. De São Francisco, recorda que “seu testemunho mostra-nos também que a ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e põem-nos contato com a essência do ser humano” (LS n.11), porque “tudo está estreitamente interligado” (LS n.16). Por conseguinte, a ecologia e a justiça social estão relacionadas. Desse modo, devemos reconhecer que a ecologia integral surge com um novo conceito de justiça, uma vez que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS n.49).

Contudo, precisamos enfrentar o comodismo e, por fim, entender que: “Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas” (LS, n.209), de comportamento, estilo de vida, sensibilidade e consciência da humanidade, uma vez que, a manutenção ambiental é de responsabilidade da sociedade em geral. “A tutela do ambiente constitui um desafio para a humanidade: trata-se do dever comum e universal, de repensar um bem coletivo” (João Paulo II, 01/05/1991), visto que a “História não se encontra só nos arquivos e nos livros empoeirados, mas também, e, sobretudo, na natureza no meio da qual você vive” (Hoornaert, 1994, p.47). A natureza é um livro aberto para quem conseguir decifrar os caminhos e obstáculos, e com a humanidade soube ao longo dos milênios nela inserir-se” (Hoornaert, 1994, p.47).

Portanto, convém caminhar na mesma via em harmonia entre o Criador, a humanidade e em defesa de todo ser vivo, pois a “defesa e a promoção dos direitos humanos não é apenas um dever político ou uma tarefa social, mas

também, e sobretudo, uma exigência de fé”. (LS n.70). Assim, faz-se necessário um “esforço de formação das consciências da população” (LS n.214), a fim de reconhecer a grandeza e a beleza da criação, como também os desafios que irá enfrentar pela frente, se não cuidar e preservar.

Na *Exortação Apostólica Amoris Laetitia* (2016), Francisco solicita para todas as famílias cristãs, o compromisso, a fidelidade e a paciência para que todas sejam sinais de misericórdia e proximidade. “O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL n.31). Dessa forma, o Papa Francisco convida para uma conversão moral, na qual afirma que o “diálogo é indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar” (AL n.136).

Contudo, o caminho da conversão familiar implica em diferentes etapas, mas o pontífice lembra sobre a importância de criar o hábito de valorizar a outra pessoa, reconhecendo que o outro/a “tem o direito de existir, pensar de maneira autônoma e ser feliz”, uma vez que, “todos têm algo para dar, pois têm outra experiência da vida, olham de outro ponto de vista, desenvolveram outras preocupações e possuem outras capacidade e intuições”.

Segundo o Papa Francisco, “é possível reconhecer a verdade do outro, a importância e a motivação”. Mas, para isso, faz-se necessário “colocar-se no lugar do outro e interpretar a profundidade do seu coração, individualizar o que o apaixona, e tomar essa paixão como ponto de partida para aprofundar o diálogo” (AL n.136-138). Portanto, ao doar-se com generosidade, renova-se no coração o desejo do amor, em entregas recíprocas e da comunhão da família.

Na *Exortação Apostólica Gaudet et Exsultate* (2018), Francisco faz ressoar a chamada para conversão pessoal, à luz do Mestre, em suas palavras no sermão das bem-aventuranças, uma vez que essas são “como que o bilhete de identidade do cristão”. Os termos “feliz” ou “bem-aventurado” tornam-se sinônimos de “santo”, porque expressam que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade” (GeE n.63-64). Dessa forma, Francisco propõe que se viva à maneira das bem-aventuranças, porque “só as podemos viver se o Espírito Santo nos permeiar com toda a sua força e nos libertar da fraqueza do egoísmo, da preguiça, do orgulho” (GeE n.65).

Para Francisco, viver as bem-aventuranças é a “regra de comportamento do juízo final, porque “o cristianismo está feito principalmente para ser praticado e, se é também objeto de reflexão, isso só tem valor quando nos ajuda a viver o

Evangelho na vida diária” (GeE n.109).

Por conseguinte, não bastam somente as manifestações de bons sentimentos. É importante ater-se aos “gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é fundamento de todo progresso” (Bento XVI, 2005). Por fim, Papa Francisco relembra, a “figura de Maria, porque Ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus” (GeE n.176). Ela é aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. Ela que não nos deixa cair por terra, que nos consola, liberta-nos e santifica-nos.

Na *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit* (2019), Francisco dirige-se aos jovens, porque o período da juventude é estimulante da vida, assim, convida-os para caminharem juntos, através de um dinamismo de corresponsabilidade. No entanto, a vida concreta no seu dia a dia apresenta uma série de armadilhas presentes dentro e fora da Igreja, como a ideologização da fé, o consumismo demasiado, a banalização dos relacionamentos e o desprezo com o próximo.

Por isso, os jovens devem estar enraizados no presente, voltar ao passado, para conhecer a história, e visitar o futuro, para germinar sonhos, florescer as esperanças, pois é necessário acreditar e ter coragem de ser diferentes, “mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade social” (ChV n.36). Na opinião do Papa Francisco, os jovens são capazes de criar formas de missão, nos mais variados setores. Ainda, podem “conferir a beleza da juventude, quando estimulam a capacidade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas” (ChV n.37).

O Sínodo reconhece que, ao lado de alguns indiferentes outros – jovens – se comprometem em voluntariado, cidadania e solidariedade social. Contudo é necessário encorajar e fazer brotar talentos, competências e criatividade. “O empenho social e o contato direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé” (ChV n.170). Assim, é necessário discernir para crescer em profundidade; além disso, passar do contado virtual a uma comunicação boa e saudável, “articulando a orientação global da existência com as opções concretas, na consciência serena dos próprios

dons e limites” (ChV n.282). Portanto, descobrir Deus como Amor presente.

Em 2019, o Papa Francisco, através do *Documento Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*, apresenta aos olhos do mundo, a necessidade de “escutar a voz da Amazônia, movida pelo sopro maior do Espírito Santo no grito da terra ferida e de seus habitantes” (QA n.3). É preciso discernir para novos caminhos de evangelização e diálogo intercultural, na esperança de abraçar e praticar o novo paradigma da ecologia integral e a defesa da Amazônia. “A escuta do grito da terra, do grito dos pobres e dos povos da Amazônia com os quais caminhamos, nos chama a uma verdadeira conversão integral” (QA n.17). Logo, como uma Igreja em saída, peçamos a graça da conversão:

uma conversão pessoal e comunitária que nos compromete a nos relacionar harmoniosamente com a obra criadora de Deus, que é a “casa comum”; uma conversão que promove a criação de estruturas em harmonia com o cuidado da criação; uma conversão pastoral baseada na sinodalidade, que reconheça a interação de tudo o que foi criado (QA n.18).

Em outras palavras, trata-se de uma conversão cultural, “fazer-se o outro aprender do outro” (QA n.41), fazer-se presente, respeitar e reconhecer seu valor do outro, da criação, viver, conviver e praticar a inculturação e a interculturalidade. Para isso, é necessária uma Igreja missionária, de ações concretas, que vai ao encontro do outro, dos pobres e excluídos.

Em 2020, o Papa Francisco, em sua *Carta Encíclica Fratelli Tutti*, propõe uma forma de vida com sabor do Evangelho e convida a um “amor que ultrapassa barreiras da geografia e do espaço”, porque é feliz quem ama o outro, “o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra em que cada uma nasceu ou habita” (FT n.1), pois a conversão passa pela experiência da humildade e da aceitação do outro, ou seja, para que todos testemunhem um profundo arrependimento e uma verdadeira conversão, em âmbito pessoal, comunitário e social. Portanto, através da Encíclica Fratelli Tutti, Francisco anunciou não somente aos católicos, mas ao mundo inteiro uma proposta de responsabilidade, de fraternidade e de amizade social.

Essa atitude de Francisco foi para que sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social e, sobretudo, que nos deixemos abrir

ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade. O objetivo é que um dia possamos ser uma única humanidade, como peregrinos da mesma carne humana, como filhos e filhas dessa mesma terra, que abriga a todos/as, cada qual com a riqueza da sua fé, cada qual com a própria voz, mas todos como irmãos e irmãs. Se essa afirmação de ser somente uma humanidade não ficar somente nas palavras e tornar-se “verdade encarnada e concreta, coloca-nos uma série de desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspectivas e produzir novas reações” (FT n.128). Para isso, o caminho é criar possibilidades de viver e crescer com dignidade, “construir a amizade social” (FT n.203), pois todas as vezes que aprendemos, como pessoas e comunidades, a ter um objetivo mais elevado do que nós mesmos e os nossos interesses particulares, a compreensão e o compromisso recíprocos transformam.

3.3 SINODALIDADE E ECUMENISMO

De maneira objetiva e operativa, a sinodalidade e o ecumenismo, são, de fato, dois caminhos que partilham o mesmo objetivo, que é, promover e restaurar a unidade entre todos os irmãos. Almejam um caminho que envolva todo o povo de Deus em unidade.

O ecumenismo desenvolve, uma “ampla visão de povo de Deus, ao mesmo tempo histórica e dinâmica, segundo a qual a Igreja se relaciona com o mundo em direção do *eschaton*, servindo à humanidade toda em vida da manifestação plena da nova humanidade já presente em Cristo” (Wolff, 2007, p.239). A perspectiva é que a unidade se dê por todos os batizados, em comum missão, a qual conduz a *diakonia* dentro e fora do templo para o “anúncio do *Kerigma* em todos os tempos, circunstâncias e lugares” (Wolff, 2007, p.241). Mas, para que isso ocorra, é necessária a sincera conversão do coração e a recíproca disponibilidade para caminhar juntos em direção à plena e visível unidade na presença do Senhor Crucificado e Ressuscitado. “Se o Espírito Santo não está presente, não há sinodalidade. Também não há sinodalidade se não há igreja, a identidade da igreja” (Francisco, 05/07/2019). É uma identidade sustentada pela fé dos cristãos batizados e envolvidos de *modus vivendi e operandi*, herança transmitida da tradição apostólica, que progride na Igreja, cresce em conhecimento, contemplação e inteligência espiritual, pois a Tradição foi confiada aos apóstolos

pelo Cristo e pelo Espírito Santo.

Essa identidade está presente na Escritura Sagrada, tornando-a operante e vivificante, pois “Deus, que outrora falou, continua sempre a falar com a Esposa do seu amado Filho; Espírito Santo, pelo qual ressoa a voz viva do Evangelho na Igreja e por ela, no mundo” (DV n.8), palavra de Deus, escrita sob a inspiração do Espírito Santo. Desse modo, introduz crentes do mundo, em verdade para que a Palavra

Divina habite em plenitude com toda a sua riqueza para que o “Espírito Santo habite a Igreja e impõe ser sobre mundo um sinal eficaz da unidade obtida em Cristo” (Wolff, 2007, p.243), ou seja, é a *oikoumene* desejada por Deus para toda a humanidade.

Tendo em vista que o ecumenismo e a sinodalidade “têm a mesma origem divina, formam de certo modo uma unidade e tendem para o mesmo fim” (Francisco, 05/07/2019), ou seja, a unidade na diversidade em patamar de igualdade e dignidade, e a unidade “gerando comunhão como a verdade maior da Igreja” (Wolff, 2007, p.228). E, ainda, a unidade como “sinal e instrumento do desígnio de Deus para toda a humanidade” (Wolff, 2007, p.239). Vale ressaltar que o diálogo ecumênico reconheceu:

Na sinodalidade uma dimensão reveladora da natureza da Igreja e constitutiva da sua unidade na multiplicidade das suas expressões. Trata-se da convergência sobre a noção da Igreja como *koinonia*, que se realiza em cada Igreja local e na sua relação com as outras Igrejas, através de específicas estruturas e processos sinodais (CTI, 2018, n.116).

Consequentemente, a sinodalidade e o ecumenismo buscam a comunhão e a participação consciente de todos os batizados na vida sinodal:

Em que o Espírito de Cristo suscita e alimenta o *sensus fidei* e a consequente competência e responsabilidade no discernimento da missão, [...] a realização da vida sinodal e o aprofundamento do seu significado teológico constituem um desafio e uma oportunidade de grande relevância no prosseguimento do caminho ecumênico [...] no horizonte da sinodalidade que com fidelidade criativa ao *depositum fidei* e em coerência com o critério da *hieráchia veritatum*, torna-se promissor aquele intercâmbio de dons com o qual é possível enriquecer-se mutuamente caminhando rumo à unidade como harmonia reconciliada das inexauríveis riquezas do mistério de Cristo (CTI, 2018, n.117).

O caminho da unidade a ser percorrido é longo e espinhoso, contudo, é necessário que aconteça, mesmo em passos lentos, para que, “a sinodalidade

ecumênica possibilite na Igreja uma comunhão dinâmica e plural, que se transforma e se conforma às situações em que o testemunho da fé, da esperança e do amor é exigido” (Wolff, 2023, p.56), uma vez que a meta é dar a capacidade a todo povo de Deus de caminhar junto.

Contudo, devemos blindar-nos na união fraterna, ancorar-nos nos ensinamentos dos apóstolos e, sobretudo, partilhar a eucaristia e a oração, para que a harmonia reconciliada de todo Povo de Deus seja manifestada no rosto da Igreja. O Papa Francisco (06/05/22) é bastante objetivo ao dizer que nunca devemos caminhar sozinhos, pois hoje o mundo mostra-nos que não é possível nem viável para o cristão caminhar sozinho. Ou caminhamos juntos ou não progrediremos, pois não se pode pensar em seguir o “caminho da fé sem companhia”. Esta consciência é uma verdade e uma graça de Deus”. O anúncio do evangelho da paz só será mais credível se for proclamado pelos cristãos finalmente reconciliados em Jesus” (Francisco, 06/05/2022). O Pontífice lembramos do primeiro Concílio ecumênico, o de Niceia, no qual foi um ato sinodal e manifestou-se em nível de sinodalidade universal, pois “foi um acontecimento de reconciliação para a Igreja que, de forma sinodal, reafirmou a sua unidade” (Francisco, 06/05/2022). Que o estilo e as decisões do Concílio de Niceia iluminem o caminho ecumênico de hoje e conduzam a novos passos concretos e, sobretudo, que se deixem ouvir vozes diferentes, sobre questões que desafiam a fé e a diaconia no mundo de hoje. Se realmente quisermos ouvir a voz do Espírito, não podemos deixar de ouvir o que Ele disse e continua a dizer a todos aqueles que voltaram a nascer da “água e do Espírito” (Jo 3,5), pois, para progredirmos, ir em frente, caminhar juntos, só será possível se percorrermos o caminho juntos em unidade.

O Concílio Vaticano II reconheceu a ação do Espírito Santo no movimento pela unidade dos cristãos. O empenho ecumênico almeja um caminho que envolva todo o povo de Deus e sua verdadeira conversão do coração, como também a recíproca abertura para destruir muros de desconfiança e da indiferença, para que possamos juntos, “descobrir, compartilhar e alegrar com as muitas riquezas que nos unem como dons do único Senhor” (CTI n.115).

Vale ressaltar que o diálogo ecumênico reconhece na “sinodalidade uma dimensão reveladora da natureza da Igreja e constitutiva da sua unidade na multiplicidade das suas expressões” (CTI n.116), visto que o Espírito de Deus foi

derramado sobre todos aqueles que “ouvem e acolhem o *Kerigma*, prefigurando a convocação universal de todos os povos no único povo de Deus” (CTI n.44).

Portanto, a sinodalidade está presente no coração do empenho ecumênico dos cristãos, pois representa um caminhar juntos na mesma via, em plena comunhão. Além disso, oferece uma compreensão e uma experiência da unidade na diversidade de dons e carismas, visto que tanto o ecumenismo quanto a sinodalidade não se limitam apenas à esfera interna da Igreja, mas estendem-se à relação entre as diferentes tradições cristãs, como também pode ser vista como um meio de promoção do diálogo e a compreensão mútua entre as diversas denominações, buscando superar divisões históricas e promover a unidade cristã. Essa é a expressão prática de desejo do ecumenismo, a busca da unidade plena.

Conclui-se que a sinodalidade e o ecumenismo são instrumentos valiosos no caminho da reconciliação e no amor, na promoção da “equidade e da verdade, a concórdia e a colaboração, o espírito fraterno e a união” (UR n.4), que é o alicerce fundamental para proclamar a mensagem do Evangelho. Como resultado, despertam a simpatia do Povo de Deus e atraem novos participantes, cujas diferenças deixam de existir, pois Cristo nos quer como irmãos anunciadores do *Kerigma*.

4 SINODALIDADE E MULHER

Este capítulo aborda a questão da mulher nos caminhos da sinodalidade em seis momentos: o kairós da mulher no caminho sinodal; o verbo tornou-se mulher; Deus se comunica a partir das mulheres na bíblia; mulheres no Concílio Vaticano II; mulher na Igreja Latino-Americana; mulher no pontificado de Francisco.

4.1 O KAIRÓS DA MULHER NO CAMINHO SINODAL

Kairós é um termo grego, cujo significado é “tempo oportuno,” o “momento certo”. No sentido *lato*, *Kairós* é empregado ao tempo do Criador, Aquele que dá sentido à vida, porque a “ação de Deus, certa para cada tempo, permite compreender algo das ações apropriadas a cada tempo no trabalho humano. O desafio é realizar a ação certa no momento certo, como Deus sempre faz²¹” (cf. Ecl 3,11). Logo, podemos compreender que o sínodo é o *kairós*, pois é o tempo de graça; é tempo da escuta atenta.

A Igreja coloca-se à escuta, em atitude empática e caminha ao lado dos povos, é chamada a fazer ouvir a sua voz. As mulheres são preciosas colaboradoras da missão da Igreja, insubstituíveis no cuidado samaritano, na custódia e na tutela da vida (Francisco, 26/10/2019).

Desde o início da missão de Jesus Cristo, a “mulher demonstra para com Ele e seu mistério uma sensibilidade especial que corresponde a uma característica da sua feminilidade” (João Paulo II, 15/08/1988), pois foram elas que estiveram no momento da Cruz. Também foram elas as primeiras a encontrar a sepultura vazia e as primeiras a ouvir “Ele ressuscitou” (Mt 28,6). Além disso, foram elas as primeiras a abraçar os pés de Cristo (cf. Mt 28,9), ou seja, a mulher no tempo certo, na hora certa, o kairós do passado, o kairós do presente, da presença, da evangelização, da missão, da dedicação. Desde os primórdios da história cristã, as mulheres têm sido pilares de compaixão, justiça e amor, dedicação inesgotável ao próximo. Assim, as mulheres assumem um papel central dentro e fora do

²¹ O desafio é realizar a ação certa no momento certo, como Deus sempre faz. Ele pôs a eternidade no coração do humano, dando-lhe capacidade de acreditar que a vida vai além dos inexplicáveis problemas e acontecimentos da existência. A ação de Deus, certa para cada tempo, permite compreender algo das ações apropriadas a cada tempo no trabalho humano.

templo, porque é por meio de sua sensibilidade única e compaixão profunda que são tecidos laços de solidariedade.

No entanto, esse papel, muitas vezes, foi e ainda é subestimado, e as contribuições das mulheres nem sempre foram devidamente reconhecidas. É chegada a hora de mudar essa perspectiva e honrá-las como preciosas colaboradoras na jornada da fé, na missão da Igreja. Com efeito, é a hora e o tempo de valorizar a dedicação das mulheres, honrar sua sabedoria e aprender com seu exemplo de amor incondicional e serviço desinteressado.

Portanto, é o *kairós* da mulher no caminho de uma Igreja verdadeiramente sinodal, uma vez que sua presença é valiosa para com o cuidado e, na proteção da vida, sua dedicação é inesgotável. São elas que, com sua sensibilidade e compaixão, tecem os laços de solidariedade e nutrem com sabedoria a comunidade cristã.

4.2 O VERBO TORNOU-SE MULHER

Conforme a história da salvação, a doutrina da Santíssima Trindade desenvolve-se a partir de um Deus de coração, amoroso, que faz aliança com seu povo, envia seu Filho revestido no poder do Espírito Santo e faz-se conhecer o seu mistério: o ser Deus em relação com a humanidade, a quem Ele comunica a si próprio. Portanto, a experiência concreta da salvação faz-se em um Deus libertador, misericordioso e próximo de seu povo, na perspectiva cristã, Deus Trino – três pessoas, ligadas ao mesmo relacionamento, com a mesma natureza divina, num amor mútuo, relacional, no qual deseja expressar e salvaguardar a paz e a harmonia entre as três pessoas e a humanidade. “É a síntese do Deus-Sophia inefável e dinâmico, do amor envolvido na história de múltiplas formas” (Johnson, 1995, p.286). Em suma, para a fé cristã, Deus é Trindade, natureza de comunhão e amor entre as três Pessoas divinas, Pai-Filho-Espírito Santo – tem seu modelo perfeito, sua motivação mais bela para a humanidade. É, também, Deus-Sophia como ação, operativa e pedagoga da Sagrada Sabedoria.

Contudo, a história da mulher na Igreja e na sociedade em geral, ainda hoje é um mosaico em construção, a “mulher tem a sua maneira de escutar e de entender a Palavra. Ela a interioriza de um modo próprio gerando uma forma específica de espiritualidade, e fecunda desde aí seu jeito de pensar

teologicamente a fé” (Bucker, 1995, p.165). São elas que imploram a paz, o amor e a compreensão, que almejam um lugar de reconhecimento, mesmo assim, elas, em suas nuances da vida, em suas imperfeições e tristezas, agradecem, amam e louvam com tanto fervor. Esse é um extremo ato de libertação; é um processo permanente para torná-las cada vez mais sábias e visíveis perante a sociedade machista, sexista, patriarcal, ou seja, “transformar estruturas senhoriais de dominação a fim de eliminar a exploração e a marginalização de todas as mulheres” (Fiorenza, 1986 p.282), pois não há mulher livre na sociedade sexista. A mulher, em seu despertar da consciência e na sua redescoberta, está exigindo uma reorganização em todos os níveis de estruturas, seja na Igreja, na sociedade, enfim, no mundo, “uma nova partilha de tarefas, um novo sistema de divisão do trabalho, uma participação mais equitativa nas grandes decisões políticas, um equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes ambientes e setores da vida humana” (Gebara, 1987, p.154). A mulher busca uma linguagem, um espaço, um discurso para que possa expressar sua essência, a sua natureza; o “Vaticano tem construído um conceito ideal e essencialista de mulher que reproduz teorias universalistas e abstratas do dualismo e da complementaridade dos gêneros” (Fiorenza, 1986, p.283).

Na fé nesse Deus, a mulher e o homem vivem, valorizam e redescobrem-se pelas águas do batismo. Eles são inspirados e arrebatados pelo sopro divino, o Espírito-*Ruah* de Deus para serem sábios e corajosos para divulgar a palavra e a mensagem de Deus e, sobretudo, ousados na ação, “expressão da vivência e compreensão diferente da relação entre os seres humanos e Deus, relação que é novidade e sinal do Reino em nossa história de hoje” (Gebara, 1987, p.159) Esse agir aponta a um mistério vivo de relacionamento puro que ama as pessoas, que está irreversivelmente envolvido na alegria e no sofrimento da história humana. Quem nos ensina isso é o Cristo ressuscitado que assume o corpo de todas as mulheres e todos os homens. Isto é a Sabedoria Sagrada de Deus escondido em um mistério sagrado absoluto, voltado para o mundo.

Em outras palavras, é a Sagrada Sabedoria representada pela linguagem da graça divina que chega até nós como um dom feminino, pois é o Espírito vivificador que ampara e conduz. É o amor criador da Mãe-Sabedoria que abraça o mundo inteiro em benefício do bem-estar de todo ser vivente, comprometido com a verdade e a justiça. É o poder e confiança, rompendo como os estereótipos de

gêneros restritivos e redefinindo o que significa ser mulher.

É a partir das justas relações de gênero que se entende o Deus amor, relação e Sophia. Esse Deus, em seu profundo mistério relacional de reciprocidade no amor e na comunhão, é luz para a relação homem – mulher. Amor e sabedoria são imagens da mulher que procura ser livre, viver com dignidade. Essa mulher exige justiça para si e para toda a humanidade. Constrói relações verdadeiras com toda a humanidade e tem solicitude para com o mundo. Decerto é a imagem da Trindade! A comunhão na comum dignidade das três pessoas divinas, presentes na mulher, rompe com padrões culturais machistas ou autoritário patriarcal.

4.2.1 Humanizar o divino na perspectiva da mulher

O Novo Testamento apresenta uma série de textos que têm sido salutareos na inspiração de propostas humanizadoras em relação à mulher ao apontar a postura de Jesus de Nazaré em relação aos excluídos da história do seu tempo e da nossa história. Como mostra o relato bíblico em que Deus chora sobre a cidade que oprimia o povo, “Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir seus filhos como a galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas, mas você não quis!” (Mt, 23,37). Ainda, no relato de João (8,1ss)²² sobre a mulher que foi pega cometendo adultério. Jesus sabiamente desperta em nossos corações o desejo do discernimento sobre a justiça e nos atualiza com o seu modo de agir. Em sua maneira simples, Ele transformou e ainda hoje pode modificar a vida de muitas pessoas. A misericórdia e o acolhimento transformam a vida de cada um de nós, tornando-nos símbolos de reconciliação e de bondade com o próximo.

Por mais que o Antigo tenha dado lugar ao Novo, a tradição impôs a ideia de que a mulher, muitas vezes, é considerada como ser incompleto, de propriedade dos homens (pais, maridos, filhos). Estamos caminhando o tempo inteiro contra a correnteza, contra as estruturas machistas impostas pela sociedade. Nossos corpos e mentes precisam estar saudáveis, bem do jeitinho

²² “A religião deve favorecer a convivência justa e respeitosa entre os seres humanos. Ninguém tem o direito de condenar. A religião corre o risco de endurecer-se, colocando a lei e a norma acima do perdão, quando transforma as pessoas em objetos para a afirmação de seu poder

que quisermos, do jeito que sonhamos, que projetamos. Que sejamos mulheres confiantes, com autoestima, que sabem sobre sua beleza, inteligência e cheias de graça divina.

O Papa João Paulo II (10/09/1978), em seu discurso na hora do *Angelus*, ao dizer que Deus nos ama como um amor que não se apaga, um amor de ternura, acrescentou: “Ele é pai; mais ainda, é mãe”. Conforme, canta Elza Soares²³ (2018), Deus é mãe e de todas as ciências, da poesia, das rimas, pois todos querem seu colo de madona. Essa sensibilidade, que constitui a imagem do consolador divino visivelmente identificável na fé cristã, decerto trará benefício para todo ser vivente do planeta e torna o ser humano sujeito da sua própria história, libertador, feminino, cultural, ecológico, étnico e ecumênico. A “teologia cristã da libertação feminina é a reflexão sobre o mistério religioso”, uma vez que “faz uma opção a priori para a promoção humana da mulher” (Johnson, 1995, p.37). Jesus mostra o caminho com compaixão e abertura ao outro, com amor que pode ser vivido por homens e mulheres. Esse modo do agir simbólico convida-nos a entrar na história, desperta-nos para as experiências e mazelas cotidianas do ser humano no mundo. Com essa sensibilidade, é possível compreender o agir divino, mediante o símbolo como sinal de reconhecimento e expressão do fundamento comum da fé no Deus trino.

Em relação íntima com Deus e plenitude dos tempos, manifesta-se a dignidade da mulher, a qual consiste na união com Deus. “A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da mulher e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, buscar e cuidar” (EG n,178). Deste ponto de vista, a mulher simboliza todo o gênero humano, “representa a humanidade que pertence a todos os seres humanos, quer homens quer mulheres, contudo, observando o “evento de Nazaré põe em relevo uma forma de união com o Deus vivo que pode pertencer somente à mulher, Maria” (João Paulo II, 15/08/1988).

Desse modo, conclui-se que é pura graça, como também resposta de fé; portanto, a plena participação do “eu” pessoal e feminino no evento da Encarnação.

²³ Deus é Mulher é o álbum da eterna cantora e compositora Elza Soares, lançado em 18 de maio de 2018 e considerado o 2º melhor disco brasileiro do mesmo ano. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/deus-ha-de-ser/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

4.3 DEUS SE COMUNICA A PARTIR DAS MULHERES NA BÍBLIA

A Bíblia é um conjunto de livros inspirados pelo Espírito Santo. Ela não é uma simples narrativa, pois tem elementos que coincidem com os tempos, com os modos, com os costumes e outras atitudes que são de natureza eminentemente religiosa, marcada exclusivamente pela perspectiva da fé. Por isso, nela contém história de beleza que precisa ser olhada com respeito de quem é cristão e de quem não é, pela riqueza que carrega. Na mensagem original, não há um anúncio de violência ou morte, mas sim de paz, alegria, fraternidade, solidariedade e, é claro, de vida eterna. São livros sagrados que abrangem diversos temas e histórias ao longo de suas páginas de um Deus de Amor, que nos fala através dos homens e à maneira humana.

Ora, busquemos, então, Deus que se comunica a partir das mulheres, que desempenharam papéis importantes em muitos eventos, sendo retratadas como figuras de fé e de coragem, fortes e sábias, uma vez que essas mulheres da Bíblia, com suas virtudes, desafios e triunfos, ofereceram lições atemporais sobre fé, coragem, amor e perseverança, inspirando gerações a buscar uma vida de significados e propósito. Seus exemplos continuam a ressurgir como testemunhos poderosos da força feminina nas narrativas sagradas. É o *kairós* das mulheres. “É tempo de olhar, com coragem da memória e o sincero reconhecimento das responsabilidades, ao longo da história (João Paulo II, 29/06/1995). A figura feminina é muito forte. Foi para uma mulher que Jesus manifestou-se pela primeira vez na hora da crença da ressurreição.

4.3.1 Mulher no Primeiro Testamento

Na antiguidade do cristianismo, praticava-se a Igreja Doméstica – as pessoas reuniam-se em casas de famílias, e muitas dessas casas eram lideradas somente por mulheres, que, ao longo da história, mantiveram-se transbordantes de alegria e coragem, capazes de uma grande resistência ativa. Desde as primeiras comunidades, a mulher fez parte de maneira significativa, pois exerceu atividades que contribuíram, de uma maneira ou outra, e sustentaram-se com sua docilidade e criatividade. No Antigo Testamento, muitas mulheres exerceram papéis importantes, como: Maria, a irmã de Moises, Ana, as profetizas Débora e Hulda,

Ruth, Judite, entre outras.

As histórias das mulheres dos Livros Sagrados oferecem um vislumbre fascinante das diversas vidas e papéis que desempenharam na sociedade da época. Algumas delas são figuras icônicas e inspiradoras, cujas histórias têm ressoado através dos séculos.

Logo, em Êxodo (1,15ss)²⁴, conhecemos a esperteza das parteiras hebreias “Sefra e Fua”, que acreditam que Javé protege a vida dos pobres e indefesos. Temente a Deus, defendem a vida, porque o projeto divino vence o projeto de morte da autoridade. A coragem dessas mulheres resultou na grande vitória de um grupo de escravos hebreus liderado por Moisés. Justamente ele que foi salvo das águas pela resistência e inteligência das mulheres. Ainda, em Êxodo (15,20s), encontramos a “Profetisa Míriam, irmã de Aarão”, que liderou um grupo de mulheres na festa da vitória. “As mulheres a seguiram, tocando tamborins e dançando em círculos.”

Nos capítulos quatro e cinco, do Livro de Juízes, deparamo-nos com a líder Débora²⁵, uma profetisa, juíza de Israel, cuja sede era de justiça. Liderou o povo em tempos de guerra e desempenhou papel importante, com decisões sábias. Sua liderança foi exemplar e fundamental para trazer vitória ao povo de Israel.

Outra mulher importante é Ester²⁶, cuja história é encontrada no livro que leva seu nome. Ela era uma jovem judia que se tornou rainha da Pérsia e usou sua posição para salvar seu povo da destruição. Sua coragem e sabedoria se destacam quando ela se apresenta diante do rei, arriscando sua vida para

²⁴ “O rei do Egito disse às parteiras dos hebreus: Sefra e Fua; quando vocês forem ajudar as mulheres dos hebreus a dar à luz, observem a criança: se for filho, façam que morra; se for filha, deixem que viva. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito havia mandado e deixaram os meninos viverem. [...] As mulheres hebreias não são como as egípcias. São cheias de vida, e dão à luz antes que as parteiras cheguem.

²⁵ Cf. Jz 4 – “Débora de Efraim, no Sul, convoca Barac de Neftali, ao norte, para a batalha. Jael, mulher de um quenita, clã próximo de Israel, é responsável pela vitória final, ao matar Sísara. Unem-se tradições com personagens antigos, a fim de demonstrar a unidade nacional e a força para vencer um forte inimigo. Vale notar a valorização da mulher e sua atuação no interior das tribos: o chefe militar se curva diante da habilidade feminina demonstrada por Jael. Jz 5- “Texto apresenta Javé como um Deus que luta e interfere, por meio de eventos naturais, em defesa de seu povo. Tem como personagem central a líder Débora, juíza, profetisa e “mãe de Israel”. Débora guerreira motivada pela ordem de Javé.

²⁶ Est 2 – Busca de uma nova rainha, que seja obediente, dócil, delicada, entre outros atributos que representa submissão. A versão hebraica apresenta a genealogia de Mardoqueu: judeu da dispersão e de tradição benjaminita. Ester, jovem bonita e agradável, cujo nome hebraico é Hadassa (murta), após a morte dos pais é adotada por Mardoqueu. O nome Ester pode estar associado à deusa Ishtar, ou também ao termo persa stareh (estrela); ou ainda, como é entendido nos textos rabínicos, ser derivado do verbo hebraico str (esconder, ocultar), presente nos textos sapienciais e proféticos.

interceder pelo seu povo.

Conforme a narrativa do livro de Judite²⁷, há o protesto do grupo fariseu descontente com a liderança formada por homens que não procuravam o bem-estar de seu povo. Dessa forma, a mulher Judite entra em cena e assume a liderança da guerra, proporcionando a vitória do povo de Israel e o cântico ao verdadeiro vencedor da guerra, o Senhor Todo-poderoso. Judite é apresentada como filha de Merari, viúva bela e atraente, temente a Deus, e Dele esperava a salvação. Por fim, Judite representa o povo fiel que confia na força do Deus.

4.3.2 Mulher no Novo Testamento

O Novo Testamento apresenta várias mulheres cujas histórias e ensinamentos têm desempenhado papéis fundamentais na tradição religiosa. Essas mulheres tiveram um impacto duradouro em suas comunidades e forneceram exemplos de fé, coragem e liderança, formaram o discipulado de Jesus. São as verdadeiras protagonistas do tempo.

E é plausível a participação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. Na carta aos Romanos (16,1s)²⁸, Paulo menciona um significativo número de mulheres protagonistas da comunidade de fé, dignas de respeito, merecedoras de recomendações e carinho por parte de todos, fato que, exercem ministérios e funções importantes de diaconisa, colaboradora, trabalhadora, apóstola, batalhadoras, verdadeiras líderes de comunidade. O apóstolo destaca *Febe*, diaconisa de *Cencreia*, recomendando-a à acolhida comunitária em Roma. Orientou que dessem a ela tudo o que precisasse, pois, em sua diaconia, ela

²⁷ Jt 8 – Judite é apresentada como filha de Merari, grupo sacerdotal encarregado de zelar pela estrutura do Templo. Esta genealogia tem como objetivos relacionar Judite ao povo de Israel e apresentá-la como modelo de fidelidade à Lei; por isso, é abençoada com riqueza, beleza e sabedoria. Seu nome significa “a Judia”, feminino de Judas (Macabeus). O tempo de viuvez, três anos e quatro meses, totaliza quarenta meses, número simbólico para recordar o tempo no deserto. Judite pode representar um grupo fiel às leis judaicas, que acredita em Deus e dele espera a salvação. Jt 9 – Judite representa o povo fiel que confia na força de Deus que esmaga as guerras. Jt 11 – A sabedoria de Judite, elogiada pela autoridade máxima da cidade, é reconhecida por Holofernes e seus oficiais. Ela usa, em próprio favor, o orgulho e a arrogância do inimigo. Jt 13 – Acabou-se o tempo do luto. O Senhor elimina o inimigo pela mão de uma mulher. Judite é celebrada como heroína da nação.

²⁸ A diversidade de pessoas forma uma comunidade unida pela fé. Dez são as mulheres que exercem ministérios e funções importantes: a diaconisa Febe; a colaboradora Prisca; a trabalhadora Maria; a parente e apóstola Júnias; as batalhadoras Trífena e Trifosa; a querida Pérsida; a mãe de Fufo, à qual Paulo trata como sua própria mãe; Júlia e a irmã de Nereu, que fazem parte dos santos.

oferecia asilo para as pessoas peregrinas necessitadas de proteção político-legal, inclusive a ele. Paulo ainda menciona e saúda as mulheres missionárias: Prisca e Aquina, a trabalhadora Maria, a parente e apóstola Júnia, *Trifena* e *Trifosa*, *Pérside*, a mãe de Rufo, Júlia e a irmã de Nereu. E, ainda, como relata na carta aos Filipenses (4,3)²⁹, “elas lutaram comigo pelo Evangelho”. Paulo refere-se às lideranças femininas, lutadoras ao lado dele na evangelização. Evidentemente, a presença e a função delas, certamente, eram sinal visível de beleza e eficácia. Ademais, o Evangelista Mateus³⁰ retrata a alegria e confiança das mulheres no mistério pascal, as portadoras da Boa Nova. É fato que a atuação da mulher na igreja foi legitimada pelo próprio Jesus Cristo, “não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só” (Gl 3,28)³¹. Rompiam-se divisões discriminatórias e machistas que subjugavam a mulher –, o Espírito Santo em ação, sem gênero. Contudo, tudo isso trazia insatisfação às autoridades e aos Doutores da Lei, pois desejavam a continuidade das suas formas de dominação e poder do varão. Nesse contexto, nasceram muitos mártires da fé cristã e, entre eles, muitas mulheres.

Começamos com Maria Madalena, conhecida também Maria de Magdala³² que recebe o título significativo de “apóstola dos apóstolos”, pois foi a primeira pessoa, a primeira mulher que viu o Jesus ressuscitado. Ela é conhecida por ser a primeira a fazer a experiência, a testemunhar a verdade completa – ressurreição de Cristo.

²⁹ A sensibilidade de Paulo dá atenção particular a diversas pessoas da comunidade. Primeiramente às lideranças femininas de Evódia e Síntique, ambas lutadoras ao lado dele na evangelização, das quais não temos outras notícias. Curiosamente, os nomes têm sentido associado à missão. Evódia significa “bom caminho”. Síntique é “encontro”.

³⁰ Mt 28ss – A intervenção divina para ressuscitar Jesus confronta o poder dos que o mataram. Às mulheres, porém, essa manifestação é motivo de alegria e confiança: o Mestre que vinha ensinando a justiça de Deus está vivo. A morte e a violência não têm a última palavra, e Deus confirmou o caminho de seus Messias. A aparição de Jesus vem confirmar nelas a certeza que carregavam para anunciar aos discípulos.

³¹ Através do batismo, as pessoas revestem-se de Cristo, como quem passa a usar uma nova vestimenta. Em Cristo, todas as barreiras são superadas. Caem os limites étnicos que separavam os povos, pois agora não há mais judeu nem grego. Rompem-se as divisões sociais e discriminatórias, pois não há mais escrava nem livre. Acaba o machismo que subjugava a mulher, pois não há mais homem nem mulher. Realiza-se o sonho de uma nova humanidade.

³² ³² “Apóstola dos Apóstolos” – Deve-se a Santo Tomás de Aquino este título dado a Maria Madalena, cujo nome deriva de Magdala, onde nasceu, aldeia de pescadores situada às margens ocidentais do lado de Tiberídes. O Evangelista Lucas, cap. 8 fala sobre ela: “Jesus andava pelas cidades e aldeias anunciando a boa nova do Reino de Deus. Os Doze estavam com ele, como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios”. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/07/22/s--maria-madalena--discipula-do-senhor.html>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Foi ele que, na manhã de Páscoa, chamando Maria Magda pelo nome, fez-Se reconhecer como Senhor Ressuscitado e lhe confiou a mensagem da vitória sobre a morte e da Sua glorificação junto do Pai. Por essa revelação, àquela que é igual aos apóstolos, com todos os anjos e os santos do céu.³³

Seu papel apostólico “é ajudar os irmãos de fé a fazerem o caminho que ela mesma fez e que a levou aceitar não reter Jesus nas limitações do conhecimento histórico e a ‘reconhecer o eu’, ressuscitado, ele agora voltou ao Pai” (Perroni, 2017, p.34). Na sequência dos Evangelhos, Maria Madalena aparece em momentos decisivos da vida de Jesus, como na morte da cruz, sepultamento e ressurreição. “Estavam aí muitas mulheres olhando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, para servi-Lo. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e José, e a mãe de Zebedeu” (Mt 27,55s)³⁴. Mesmo distante, Maria Madalena vivenciou o caminho tortuoso e a morte de Jesus na cruz. Derramou lágrimas de sofrimento e experiencia a ausência do Mestre que tanto amava. Era uma mulher forte e afetuosa, seguidora de Jesus. Com sua fé inabalável e devoção pelo Mestre, a colocaram em uma posição singular na história e, ainda, é exemplo de perseverança espiritual.

Marta e Maria³⁵, as irmãs de Lázaro, moravam juntas em Betânia, uma aldeia, bem própria de Jerusalém. Marta, mulher atarefada era uma sábia e ativa, de hospitalidade e serviço. Acolheu Jesus em sua casa e demonstrou a importância do cuidado amoroso aos outros. Maria, sentada aos pés de Jesus, é lembrada por sua adoração a Jesus, ungindo-o com óleo precioso como uma demonstração de amor e respeito. Ambas, “intervêm não apenas positivamente, mas também dialeticamente no desenvolvimento de revelações doutrinárias decisivas por parte de Jesus” [...] “contribuem para a passagem de uma fé-conhecimento imprecisa e incerta para a plena revelação dos mistérios de Deus” (Perroni, 2017, p.56).

³³ Texto retirado do Prefácio da Liturgia das Horas ecumênica que é celebrada em Bose para a Festa de Maria Madalena, publicadas em *Pregheira dei giorni*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/590941-vozes-que-nos-desafiam-celebracao-da-festa-de-santa-maria-madalena>. Acesso em: 02 abr. 2024.

³⁴ Mt 27,55ss; Lc 8,1ss – O grupo que acompanha Jesus não é formado apenas dos apóstolos. Dele fazem parte mulheres, o que chocava a sociedade da época. Jesus inspira um discipulado de homens e mulheres libertados, iguais no desafio de tornar conhecida sua boa notícia dirigida aos pobres.

³⁵ Lc 10,38 – A escuta da palavra de Jesus não tira as pessoas da ação; pelo contrário, dá novo sentido e orienta para as adequadas escolhas a respeito do que se deve fazer.

A fundação da comunidade em *Filipos* destaca-se por ser formada por mulheres, lideradas por Lídia³⁶, comerciante de púrpura que se tornou a primeira cristã convertida na Europa depois de ouvir a pregação de Paulo. Assim, Lídia disponibilizou sua própria casa para os cristãos reunirem-se, logo se torna centro irradiador da missão. Portanto, foi grande sua contribuição para evangelização e expansão de comunidades cristãs. Além disso, Lídia, ainda “ajudou a sustentar as relações fraternas e igualitárias entre as pessoas cristãs. Ao seu redor, muitas inclusive escravas, sentiram-se acolhidas, respeitadas e reconhecidas em sua dignidade” (Domezi, 2019, p.39).

Em Atos, nos capítulos 18 e 19, encontramos Priscila³⁷ fiel seguidora de Jesus e uma grande colaboradora no ministério de Paulo. Priscila encarrega-se de lhe complementar a catequese sobre Jesus. As comunidades cristãs eram então conhecidas como seguidoras do “Caminho”.

Essas mulheres e outras notáveis do Novo Testamento são exemplos inspiradores de fé, coragem e serviço, que deixaram um legado de amor e devoção, e, que continua a influenciar e fortalecer fé cristã até os dias de hoje. Suas histórias são de grande importância, para que saibamos entender que, independentemente do gênero, cada pessoa tem um papel significativo na obra de Deus e no caminho de Seu Reino.

Em suma, essas são apenas algumas das muitas mulheres notáveis que encontramos nas Sagradas Escrituras, uma vez que suas histórias são testemunhos de fé, coragem e experiência, e seu impacto nas narrativas bíblicas destaca o valor e a importância da feminina ao longo da história. Portanto,³⁸ devem ser reconhecidas como figuras de destaque da vida comunitária que diz respeito tanto à elaboração da fé quanto à prática de evangelização, remetendo assim o

³⁶ At 16,14s – A fundação da comunidade em Filipos se destaca por dois detalhes. É a primeira no continente europeu, e é formada por mulheres, lideradas por Lídia, que espontaneamente se reúnem à beira de um rio, fora da cidade. Certamente porque em Filipos não existe comunidade judaica. A residência de Lídia, transformada em igreja doméstica, logo se torna centro irradiador da missão.

³⁷ At 18,2 – A equipe de Paulo está em Corinto. Já existe uma comunidade coordenada pelo casal Priscila e Áquila. 18,18 – Paulo convida o casal Priscila e Áquila a deixar Corinto e vir animar a comunidade nascente. 18,24 – Então o casal Áquila e Priscila se encarrega de lhe complementar a catequese sobre Jesus. As comunidades cristãs eram então conhecidas como seguidoras do “Caminho”.

³⁸ FRACCALVIERI, Bianca. *Mulheres católicas... motivos a comemorar?* – 08 mar 2024. Entrevista com a teóloga Maria Clara BINGEMER analisa o pontificado de Francisco quanto às mulheres. – Disponível em: Mulheres católicas...motivos a comemorar? - Vatican News. Acesso em: 03 abr. 2024.

modelo eclesiológico fundamentalmente inclusivo” (Perroni, 2017, p.55). A mulher sempre esteve muito presente. É ela que carrega a Igreja nas costas.³⁸

O texto de Isaías 7,14 diz: “Pois saibam que Javé mesmo lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel”³⁹.

A história salvífica, o Filho, Verbo consubstancial ao Pai, nasce como homem de uma mulher, em Gálatas (4,4), consta que: “Ao chegar à plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho, nascido duma mulher”. Precisamente essa “mulher está

presente no evento salvífico central, que decide da plenitude dos tempos: esse evento realiza-se nela e por seu meio” (João Paulo II, 15/08/1988).

Portanto, nascido de mulher, é o ápice da autorrevelação de Deus à humanidade, tornar-se conhecido. Ainda, a “mulher encontra-se no coração deste evento salvífico” (JOÃO PAULO II, 15/08/1988) – “Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo” (Lc 1,31ss).

4.3.3 Mulher, Imagem de Deus em Gênesis

Conforme os relatos bíblicos, a criação da mulher e do homem é um ato livre e gratuito de Deus. “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus, o criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Esta passagem contém as verdades antropológicas fundamentais – o gênero humano, chamado à existência em igual identidade e dignidade, pois ambos foram criados à imagem de Deus. O Criador confia o domínio da terra a todos os homens e a todas as mulheres, que haurem a sua dignidade e vocação do princípio comum (cf. Paulo II, 15/08/1988). A mulher é “criada como companheira, isto é, como diferente, como aquela que permite ao homem ter consciência de ser um ‘eu masculino’ diante do ‘tu feminino’, com o respeito mútuo da alteridade de cada um” (Bucker, 1996, p.149).

Ainda, em Gênesis (2,18-25), para que o homem não fique sozinho, a

³⁹ O tema do nascimento de um messias como rei dravídico será renovado mais tarde por grupos davídicos, em contraste com o messias como “servo sofredor”. A Bíblia grega dos LXX traduziu o termo hebraico ‘almah (menina, jovem, donzela) por “virgem”, tradução aplicada à maternidade virginal de Maria.

mulher criada por Deus, da costela do homem e é colocada como um outro – eu – para que seja recíproca. A mulher, chamada à existência, reconhecida pelo homem como “osso dos meus ossos e carne da minha carne”, e por isto, é “chamada mulher”, esposa, mãe que concebe os filhos. Na linguagem bíblica o termo mulher “indica a identidade essencial com referência ao homem: *’iš* - *’iššah*, o que, em geral, as línguas modernas, infelizmente, não conseguem exprimir. Ela chamar-se-á (*’iššah*), porque foi tirada do homem (*’iš*)” (João Paulo II, 15/08/1988). Esse modo de pensar leva a existência da mulher para a reprodução ou para o prazer e benefício do homem. Além disso, a leitura do capítulo três envolve toda a narrativa da origem do mal e do pecado, em que a mulher é a protagonista fonte de perversão.

Portanto, nos relatos do Gênesis capítulos 1 e 2, a interpretação bíblica realça a sexualidade humana, homem e mulher, criados à mesma igualdade, são chamados a existir reciprocamente um para o outro, em relação. Esta é a leitura adequada sobre os relatos da criação:

O feminino é vivido nas três dimensões de companheira, Esposa e mãe. Com estas palavras queremos indicar a ‘alteridade’ da mulher, isto é, aquilo que a identifica como ser diferente do varão e, portanto, ‘companheira’ que não reproduz o masculino em si mesma, mas oferece o alternativo, o distinto. O estudo da alteridade dá-se na inserção concreta na sociedade e na Igreja. Somos conscientes dos aspectos psicológicos e antropológicos que iluminam o ser mulher em si mesma. Esses aspectos são considerados na relação (Bucker, 1996, p.159).

O homem e a mulher são dimensões distintas e não se realizam sozinhos, necessitam viver em relação. Assim, formam a unidade. São imagem do Amor Uno e Trino, unidade viva na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Por fim, Deus criou o homem e a mulher a Sua imagem e semelhança, com o propósito de que resplandeçam em nós, a unidade com Ele e a união entre os irmãos, chamados a viver a aliança, colaborar e cuidar com toda a criação. Dado que, fomos pensados, chamados e criados pelo Amor e para o amor. “Antes de formar-te no seio de tua mãe, eu já te conhecia” (Jr 1, 5). “Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, ‘cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário” (LS n.65). Assim, estamos cientes que Deus desejou comunicar-se com todos os seres humanos sem limitações.

4.4 MULHERES NO CONCÍLIO VATICANO II

Inaugurado em 11 de outubro de 1962, por João XXIII, e continuado no pontificado de Paulo VI, até sua conclusão em 08 de dezembro de 1965, o Concílio Ecumênico Vaticano II é considerado um marco conciliar, pois refez a história da Igreja católica e de ser modo do próprio cristianismo. A intensão de João XXIII era de promover um *novi pentecostes*. Em seu discurso inaugural em 25 de janeiro de 1959, deixou transparecer que seu objetivo era de trabalhar para a renovação da Igreja, para o diálogo e unidade dos cristãos, na luta dos direitos humanos, ultrapassando todo tipo de discriminação ou exclusão, ou seja, causar um *aggiornamento*, colocar a Igreja na modernidade. Por isso, as decisões conciliares foram realizadas em diferentes fases, com grandes assembleias. Fato é que mais de meio século já se passou, e o Vaticano II, de forma alguma, é um evento inválido ou tampouco um projeto ultrapassado.

João XXIII mostra seu apreço ao movimento das mulheres. Conforme proferiu, as mulheres cristãs sempre tiveram palavras para dizer ao mundo distante de Deus, e, que é necessário renovar com o fervor gentil e generoso das apóstolas da Igreja primitiva.

No início dos dois milênios cristãos, o mundo, com poucas exceções, estava submerso na escuridão de um paganismo corrupto e corruptor. As mulheres suspiravam em busca da dignidade perdida. E os costumes começaram a mudar, com a graça de Deus, por meio da oração, do exemplo e do sacrifício dessas heroínas. Ainda hoje, a convivência humana está evoluindo para melhor, porque muitos cristãos honram seu batismo por meio da fidelidade vivida e do exemplo inspirador (João XXIII, 01 jun 1962).⁴⁰

Ainda em sua Encíclica *Pacem in terris*⁴¹, fala da importância da emancipação da mulher no mercado de trabalho, reconhecia como sinais dos tempos. O ingresso da mulher na sociedade é algo importante e positivo, pois torna a mulher “cada vez mais cônica da própria dignidade humana” (João XXIII,

⁴⁰ LOMONACO, Amedo. *O pensamento dos Papas sobre a mulher, obra-prima da criação*. – 08 mar 2024. Disponível em: O pensamento dos Papas sobre a mulher, obra-prima da criação - Vatican News. Acesso em: 07 abr. de 2024.

⁴¹ JOÃO XXIII, 11 abr 1963, n. 41 – “o ingresso da mulher na vida pública: mais acentuado talvez em povos de civilização cristã; mais tardio, mas já em escala considerável, em povos de outras tradições e cultura. Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social”.

1963, n.41). Desse modo, reconheceu a dignidade igual em todos os seres humano, “é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e vontade livre” (João XXIII, 1963, n.9).

E se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas, não poderemos deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Trata-se, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo, as quais com a graça se tornaram filhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna (João XXIII, 1963, n.10).

Portanto, todos têm o direito à existência, à liberdade, à integridade, como também possuem deveres na colaboração mútua, senso de responsabilidade, a convivência fundada sobre a verdade, a justiça, o amor a liberdade. João XXIII faleceu em 03 de junho de 1963; dessa forma, não conseguiu acolher as mulheres devidamente no Concílio.

É importante destacar que o Concílio inaugurou uma nova fase para a Igreja católica; convidou algumas mulheres, poucas mulheres⁴², para participarem, mas é claro, sem direito à palavra ou tampouco podiam votar, ou seja, a legítima presença simbólica no Concílio Vaticano II. Convém ressaltar que a recepção dessa renovação não foi isenta de receios e preocupações. O Cardeal *Slipyj* lembrou a proibição paulina de 1 Coríntios (14,34): “As mulheres estejam caladas nas assembleias”, para justificar o papel passivo mais condizente com as mulheres” (Valerio, 2014, p.43), ou seja, justificar o seu modo de pensar e agir com as mulheres, característica machista e hostil, que escancara sua visão para o caminho sinuoso que as mulheres devem percorrer.

No decorrer da primeira sessão do Concílio, não houve participação de nenhuma mulher. As poucas jornalistas ali presentes foram barradas na maior parte do evento. Somente na segunda sessão os primeiros sinais de mudança aconteceram, quando o *Cardeal Suenens*, ao falar dos dons que o Espírito Santo derrama sobre todos os seus membros, propôs que chamassem as mulheres auditoras. “Parece-me que as mulheres constituem quase 50% da humanidade e observando, com igual dose de ironia, que as religiosas – que também pertencem

⁴² VALERIO, Adriana. *A presença feminina no Vaticano II*, 2014, p.63 – “A presença das mulheres no Concílio provocou diversos comentários jocosos. Como aos prelados chamavam “padres conciliares”, elas foram designadas como “madres do Concílio.” Alguns padres conciliares saudavam-nas enfaticamente como *carissimae* sorores ou sorores *admirandae* ou *pulcherrimae auditricae* [caríssimas irmãs que devem ser admiradas, à letra, ou admiráveis irmãs; belíssimas auditoras]; no início, manifestando surpresa, depois considerando já aceite a sua presença.

à Igreja! – eram mais de um milhão” (Valerio, 2014, p.42).

Contudo, somente em 8 de setembro de 1964, Paulo VI anunciou a “participação de algumas mulheres qualificadas e devotas nas sessões do Concílio” (Valerio, 2014, p.43). Todavia, para agravar a situação, as nomeações foram enviadas com atrasos. Fato é, portanto, que estavam na terceira sessão e não constava a presença da mulher na aula conciliar, porque o convite às mulheres aconteceu, efetivamente, entre os meses de setembro de 1964 a julho de 1965, foram chamadas, no todo, 23 auditoras, 10 religiosas e 13 leigas.

Para dizer que concordava com a presença feminina no Concílio, o Bispo Albino Luciani (10/1964) manifestou seu agrado e simpatia por elas, através do jornal *Avvenire*. E, assim, sucessivamente alguns padres conciliares aderiram à ideia e aos poucos permitiram que leigos e leigas pusessem manifestar-se. Ainda em 1964, algumas observações sobre a igual dignidade dos seres humanos foram feitas pelo *Monsenhor Gérard Coderre*, em nome de 40 padres canadenses, como observou Valério:

Sinal dos tempos no reconhecimento da dignidade da mulher. Para ele, a mulher é uma pessoa, com vocação própria, cujo papel, indispensável, não deve ser apenas supletivo, mas de colaboração. Esse reconhecimento, conforme as Escrituras, devia ser promovido e não apenas aceito pela Igreja. Segundo este bispo canadense, o esquema deveria afirmar a missão própria de mulher no completamento da criação (Coderre *apud* La Valle, 1965, p.403).

É fato que as mulheres, desde suas bases eclesiais e sociais, sentiram o surgimento de uma nova consciência eclesial afirmada no Concílio.

De forma visível ou no anonimato, direta ou indiretamente, elas foram incansáveis no trabalho voluntário. A tomada da palavra e outras ousadias dessas mulheres constituíram uma contribuição de peso para o Concílio, desde os seus movimentos precursores e sua preparação, passando por seu evento, até sua irradiação e recepção (Domezi, 2016, p.17).

Portanto, a recepção do Concílio Vaticano II representa um novo começo na perspectiva feminina, nas questões teológicas de gênero, uma vez que, mostra não ser complacente com descaso da mulher, pois elas não devem ser meras figurantes. É bonito, é político ser mulher. Assim, esse Concílio, propiciou a renovação com a modernidade ultrapassando qualquer discriminação ou exclusão, porque as pessoas, inclusive os homens, precisam sentir a mulher como presença positiva. As mulheres não devem, não podem estar em lugar subalterno ou

subservientes. Elas são sujeitas da história; por isso, devem, podem estar em lugar de destaque.

4.5 MULHER NA IGREJA LATINO-AMERICANA

A mulher é pilar na edificação da Igreja na América Latina. Os documentos a seguir, evidenciam que a mulher tem um papel fundamental na transmissão da fé e do Evangelho.

4.5.1 A mulher em Puebla

O *Documento de Puebla (1979)* oferece orientações pastorais e doutrinais, com cuidadosa e zelosa transmissão de verdade sobre Jesus Cristo para a evangelização, uma vez que, na perspectiva de a missão ser profunda. O documento exige atitude do cristão que quer servir de verdade aos irmãos menores, aos pobres aos necessitados, os marginalizados, numa palavra, a todos os que refletem em suas vidas a face sofredora do Senhor.

O documento da Conferência de Puebla ainda expõe a fragilidade da Igreja em relação à figura feminina “na própria Igreja tem havido, por vezes, uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais” (DPb n. 839). Explicita que, apesar de lento, é sinal positivo a “crescente inclusão da mulher em tarefas da construção da sociedade, o ressurgimento de organizações femininas que trabalham por conseguir a promoção e incorporação da mulher em todos os âmbitos” (DPb n.840).

O documento também reconhece e faz uma reflexão da mulher que está em constante diaconia na Igreja, pois, com suas aptidões, poderá contribuir para a missão e planejamento pastoral. Além disso, ela “deve estar presente nas realidades temporais, contribuindo com o seu ser próprio de mulher, para participar com o homem na transformação da sociedade” (DPb n.848).

Uma vez que a Igreja é chamada a transformar e contribuir para uma sociedade mais justa, fraterna e digna, ela é convocada a contribuir para a promoção humana das mulheres.

4.5.2 A mulher em Aparecida

Em Aparecida, Deus ofereceu ao Brasil a sua própria Mãe. Ela é celebrada na Igreja do Brasil como Solenidade, aqui invocada sob o título de Aparecida foi elevada a padroeira nacional pelo Papa Pio XI. Em Aparecida, Deus deu-nos uma lição sobre Si mesmo, sobre seu modo de ser e agir – humildade, traço essencial e que está no coração. “Há algo de perene para aprender sobre Deus e sobre a Igreja, em Aparecida; um ensinamento, que nem a Igreja no Brasil nem o próprio Brasil devem esquecer” (Francisco, 27/07/2013).

Por vontade de Deus, Ela, nossa mãe, aparece em seu mistério – chegou de surpresa, de mansinho, de maneira nova, numa imagem de barro frágil, escurecida pelas águas do rio, envelhecida também pelo tempo. Deus entra sempre nas vestes da pequenez. “Primeiro o corpo, depois a cabeça, em seguida a unificação de corpo e cabeça: a unidade” (Francisco, 27/07/2013). Deus envia sua mensagem de “recomposição do que está fraturado, de compactação do que está dividido. Muros, abismos, distâncias ainda hoje existentes estão destinadas a desaparecer. A Igreja não pode descurar esta lição: ser instrumento de reconciliação” (Francisco, 27/07/2013).

Portanto, o que está dividido deverá reconciliar-se. É necessário lembrar que o Verbo de Deus, feito carne, é caminho, verdade, vida dos homens e das mulheres, aos quais abre um destino de plena justiça e felicidade. O documento destaca que as maiores riqueza do povo são: “a fé no Deus Amor e graça, na tradição católica, na dignidade da vida e na cultura dos povos. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular – do perdão e reconciliação – no Senhor presente na Eucaristia” (DAp n. 7).

Além disso, sublinha a importância de ater-se à antropologia cristã, pois somos criados à imagem e semelhança de Deus. Na Bíblia, mostra que, quando Deus criou o mundo com sua Palavra, expressou dizendo que era “bom” (Gn 1,21), e quando criou o homem e mulher, disse que “era muito bom” (Gn 1,31). Portanto, criou de igual identidade entre homem e mulher e, ainda, salienta que: “O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença. Em época de marcado machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a

dignidade da mulher e de seu valor indiscutível” [...] falou com elas” (cf. Jo 4,27⁴³) [...] e “incorporou mulheres ao grupo de pessoas que lhe eram mais próximas” (cf. Lc 8,1-3⁴⁴). “A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja” (Dap n.451). Afirma, ainda, que a relação entre homens e mulheres é de reciprocidade e colaboração mútua, pois trata-se de harmonizar, complementar e trabalhar somando esforços. “A mulher é corresponsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana” (Dap n.452), pelo presente e futuro para uma sociedade justa, fraterna e humana.

O Documento de Aparecida também orienta para que todos respeitem as mulheres e valorizem-nas, pois elas “constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las” (Dap n.455).

Logo, elas são corresponsáveis juntamente com outrem, pelo presente e futuro de sociedade humana. “Mulher forte que vale mais do que as pérolas, que representa a sabedoria, empreendedora e dedicada, rompe preconceitos, traz felicidades, compreende e sabe sorrir para o futuro” (Cf. Pr 31, 10-25⁴⁵), porque ela realiza o trabalho com amor e dedicação, é generosa com os demais, teme por seus entes, sobretudo, enche-se de coragem e dignidade.

4.5.3 A mulher na Igreja do Brasil

A mulher representa uma figura fundamental na sociedade, imprescindível na história humana e sobretudo fonte inesgotável de força, sabedoria e criatividade. Simboliza a feminilidade, a maternidade e o poder de transformar. Resilientes na fé e na esperança, as mulheres conseguem resistir à constante

⁴³ Os discípulos escandalizam-se

com a atitude de Jesus em conversar com a samaritana. Mas eles devem aprender que nenhum preconceito pode servir de obstáculo à missão de reunir os filhos de Deus que estavam dispersos.

⁴⁴ O grupo que acompanha Jesus não é formado apenas dos apóstolos. Dele fazem parte mulheres, o que chocava a sociedade da época. Jesus inspira um discipulado de homens e mulheres libertados, iguais no desafio de tornar conhecida sua boa notícia.

⁴⁵ Mulher forte que vale mais que pérolas, ou seja, a mulher ideal, empreendedora e dedicada aos negócios e interesses da família. Realiza tarefas que na sociedade machista eram somente para os homens, desse modo ela rompe preconceitos e traz felicidade a todos. Aliás, é o marido que se define em relação a ela, e não o contrário. A mulher forte e de valor representa a própria sabedoria: ambas merecem louvor. Na casa da Sabedoria há trabalho, justiça, honra, prosperidade e vida para todos.

transformação e transcendem às fronteiras do tempo, culturais e ideológicas.

No contexto histórico, a mulher tem sido uma força motriz de mudanças sociais e culturais. Seja na busca pela igualdade de gênero, na promoção de direitos civis ou na defesa de causas humanitárias, seu papel é inegável, como também é uma fonte inestimável de amor, cuidado e compreensão, capaz de nutrir e fortalecer tudo que está em sua volta. Com efeito, a mulher é um pilar essencial para o equilíbrio emocional e bem-estar de um todo. A mulher é, portanto, símbolo de resiliência, esperança e perseverança, refletindo a capacidade de transformar e iluminar o mundo com sua única e poderosa ação.

As mulheres são ‘fruto’ de uma história que, infelizmente, é cheia de condicionalismos que, em todos os tempos, tornaram difícil o caminho para elas. Ao longo do tempo, foram marginalizadas ou reduzidas a alguns clichês pejorativos e ignoradas na sua dignidade.

No Brasil, a Campanha da Fraternidade fortalece a caminhada da mulher na sinodalidade, porque nasce como expressão da caridade e da solidariedade em prol da dignidade da pessoa humana. Ela tornou-se expressão de comunhão, no construir a verdadeira fraternidade, na conversão de deixar-se transformar pelo Evangelho e a partilha que nos recordam a “obra da fé, o esforço do amor, a constância na esperança em Cristo” (Cf, 1Ts 1,3⁴⁶).

Além disso, a igreja promoveu, no ano de 1990, a Campanha “A Fraternidade e a Mulher”, tendo como lema: “Mulher e Homem: Imagem de Deus”, cujo objetivo era “ajudar a ver como, na realidade, a mulher não é reconhecida e tratada como igual ao homem” (CNBB, 1990).

A Campanha da Fraternidade trata de temas de muita pertinência, não somente para ser trabalhado dentro da Igreja, mas também para ser discutido com toda a sociedade.

Mulher é a única criatura que Deus quis por si mesma, descreve João Paulo II:

A mulher, efetivamente, tanto quanto o homem, é uma pessoa. É a única criatura, que Deus quis por si mesma. A única a ser expressamente feita à imagem e semelhança do mesmo Deus, que é Amor. Precisamente por isso, não pode se realizar plenamente, se não com o dom sincero de si mesma. Está aí a origem da comunhão, em que deve exprimir-se a

⁴⁶ Fé, esperança e caridade são virtudes teologais que estão sempre juntas com o amor. A fé há de ser ativa e traduzir-se em obras, o amor implica no esforço em formar fraternidade, e a esperança é perseverante, para assegurar a caminhada rumo ao futuro. As virtudes juntas propõem de fato uma transformação pessoal e de toda a sociedade.

unidade dos dois e na dignidade pessoal, tanto do homem, como da mulher. Assim, nem o homem é superior à mulher, nem a mulher ao homem. Isso não quer dizer, que ambos são iguais em tudo. Cada qual, “possui a totalidade e a dignidade do ser humano, mas não da mesma forma. A mulher entende a sua realização e a sua vocação como pessoa, segundo a riqueza dos atributos da feminilidade. Com suas qualidades, especificamente femininas, também ela está chamada a construir um mundo novo, participando da vida social e vida de santidade da Igreja. Importante, é que em sua fundamental igualdade com o homem, não perca de vista a sua complementaridade e sobretudo a sua máxima grandeza de ser imagem e semelhança de Deus. O “espelho só reflete imagem, quando está no lugar certo e quando está munido de luz e o reflexo é Cristo, a luz vem de Deus e o lugar certo está marcado pela lei ética, gravada em cada coração (João Paulo II, 1990⁴⁷).

Assim, encerra, fazendo um apelo ao povo brasileiro, em favor da mulher brasileira, “Maria de Nazaré, Espelho da Justiça para que a Campanha da Fraternidade e Mulher seja fruto no “caminhar na fé, caridade e numa união mais perfeita com Deus.” A mulher é um outro eu na comum humanidade (João Paulo II, 1990)⁴⁸. A mulher é fecunda e essencial, paz e esperança; é una e indivisível.

No fundamento do desígnio eterno de Deus, a mulher é aquela na qual a ordem do amor no mundo criado das pessoas encontra um terreno para deitar a sua primeira raiz. A ordem do amor pertence à vida íntima do próprio Deus, à vida trinitária. O chamamento da mulher à existência junto ao homem, na unidade dos dois oferece, no mundo visível das criaturas, condições particulares a fim de que o amor de Deus, seja derramado nos corações dos seres criados à sua imagem. [...] A citação da Carta aos Efésios, leva-nos a pensar numa espécie de profetismo particular da mulher na sua feminidade. (João Paulo II, 15/08/1988).

Com coragem, a mulher impulsiona a resistência, enquanto a ternura tece laços que unem corações e mentes. É essa combinação única que confere às mulheres a capacidade de desafios impostos pela colonização cultural e ideológica, sem perder a essência de sua identidade. Portanto, mulher seja principalmente

⁴⁷ A Campanha da Fraternidade é uma proposta evangelizadora da Igreja Católica no Brasil, e, a cada ano, uma iniciativa concreta para realizarmos ações que testemunhem um profundo arrependimento e uma verdadeira conversão. Desde o ano de 1964, contribui para a renovação da vida da Igreja e a transformação da sociedade, a partir de problemas específicos. Em 1990 o tema foi “A Fraternidade e a Mulher”, lema: “Mulher e Homem: Imagem de Deus”. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1990#:~:text=Conscientizar%20que%20mulher%20e%20homem,construir%20juntos%20uma%20nova%20sociedade.&text=Amados%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3s%20em%20Cristo>. Acesso em: 20 set. 2023

⁴⁸ JOÃO PAULO II, Carta ao Povo Brasileiro. Dando início a Quaresma, a caminhada para a Páscoa. Em abertura no Brasil mais uma Campanha da Fraternidade. “Fraternidade e a Mulher” (1990). CNBB. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1990>. Acesso em: 20 ago. 2023.

mulher, seja missionária, partilhe sua vida e manifeste Deus aos confins da terra, seja sinal de Deus e da Igreja no mundo. “Na Igreja, a mulher participa nos dons de Cristo e difunde seu testemunho pela vida de fé e caridade (DP n.843).

4.6 A MULHER NO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Desde que assumiu seu pontificado, o Papa Francisco enfatiza sobre a importância da mulher na igreja e na sociedade. Para Francisco, as mulheres são a harmonia do mundo, pois elas têm corações ternos e olhar criativo. Além disso, são capazes de se apaixonarem profundamente. Desse modo, conseguem construir uma sociedade mais humana. Em uma de suas meditações, chegou a confidenciar em tom poético que “gosto de pensar que Deus criou a mulher para que todos nós tivéssemos uma mãe” (Francisco, 09/02/2017), pois é ela que nos ensina a “acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela” (Francisco, 09/02/2017). O Sumo Pontífice explica que explorar ou abusar da mulher é crime. Tampouco se deve falar da mulher em sentido pejorativo ou funcional, porque isso desequilibra a harmonia da graça divina. Para Francisco, a mulher é algo diferente, visto que traz consigo a beleza e a riqueza que o homem ou a criação não possuem. Afirmou o pontífice que a mulher é corajosa, é harmonia, é poesia. “É este o grande dom de Deus: deu-nos a mulher” (Francisco, 09/02/2017), porque sem ela o mundo não seria bonito, nem harmonioso.

Segundo Francisco, como a Igreja é mãe, é necessário aprofundar a teologia da mulher. Uma “Igreja sem mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria, a Igreja é feminina, é esposa, é mãe” (Francisco, 03/2018). Ressalta que também sofre, quando percebe quando o papel de serviço da mulher transforma em servidão, pois desvaloriza a vida e a dignidade da mulher. Lembra o pontífice de suas dificuldades ao saber das fadigas sofridas pelas mulheres na sociedade, porque não vislumbram com seus direitos reconhecidos. É dever de todos considerar que “os compromissos da mulher, em todos os níveis da vida familiar, na sociedade, são um contributo incomparável à vida e ao futuro da sociedade” (Francisco, 03/2018). Sinaliza, ainda, que:

as mulheres se sintam não hóspedes, mas plenamente participes das várias esferas da vida social e eclesial. Esse, adverte, é um desafio que

não pode mais ser adiado. E enfatiza a urgência de oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja, favorecendo uma presença mais ampla e incisiva nas comunidades com maior envolvimento das mulheres, nas responsabilidades pastorais (Francisco, 03/2018).

As mulheres são harmonia, são corajosas, são a força da esperança para a Igreja e a sociedade.

4.6.1 A mulher no Sínodo da Amazônia

Em *Querida Amazônia*, o Papa Francisco (2020) exalta a força e do dom das mulheres que, com sua beleza e fecundidade, souberam discernir e mantiveram a Igreja erguida em decênios, sem a presença de sacerdotes elas “batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo” (QA n.99). Como mostra a história da salvação, o Senhor, deixou manifestar seu poder e amor por dois singelos rostos humanos – Jesus e Maria – para que entrássemos em sua intimidade no mais puro e íntimo da Igreja, pois Jesus Cristo apresenta-se como Esposo que celebra a Eucaristia.

Cabe ressaltar ainda que: “A Igreja na Amazônia quer ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva” (EG n.103). Francisco em seu Encontro com o Episcopado Brasileiro (2013) disse: “Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade” (Francisco, 27/07/2013). Logo, a necessidade de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazônia. A atual realidade, “exige que estimulemos o aparecimento de outros serviços e carismas femininos” (QA n.102).

As mulheres têm papel fundamental na transmissão da fé e do Evangelho, uma vez que são testemunhas e presença responsável na promoção humana. Ainda constituem uma força cotidiana que faz evoluir uma sociedade e a renova. Elas contribuem na Igreja com força e ternura da Mãe de Deus. Dessa forma, compreendemos por que “sem as mulheres, ela se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades. Isso mostra qual é o seu poder característico” (QA n.101). “As mulheres reivindicam, onde ainda a não alcançaram, a paridade de

direito e de fato com os homens” (GS n.9). “Em uma Igreja sinodal, as mulheres que de fato realizam um papel central nas comunidades” (QA n.103). Portanto, mulheres com profunda espiritualidade e sábias são verdadeiras testemunhas do Evangelho, já que atuaram e assim mantiveram a Igreja em ‘pé’, com suas contribuições indispensáveis.

4 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Observa-se uma abundância de material para pesquisa sobre o tema sinodalidade – pneumatologia missionária, seja qualificando ou analisando, se será de forma continuada ou será posto ao esquecimento, ou se será apenas acúmulos de papéis e tratados. No entanto, em relação ao tema da diaconia desenvolvido pelas mulheres no espaço cristão católico, ainda há muito a desenvolver, visto que o relato de Gênesis sobre a criação leva-nos a crer no homem e mulher como imagem perfeita de Deus, “o ser mulher aparece, então, aí, não como uma separação feita de hierarquias e subordinações, mas como uma reciprocidade, um ser-para-o-outro, que reflete o próprio face-a-face eterno das pessoas divinas” (Bingemer, 1991, p.124).

Portanto, é necessário ouvi-las com respeito e com a dignidade que elas merecem, uma vez que a presença e a contribuição das mulheres enriquecem o crescimento das comunidades eclesiais, iluminam e fomentam as relações entre gênero dentro e fora do templo. É fato que a Igreja ainda tem muito o que aprender com o labor da mulher. Ela precisa valorizar a diferente presença eclesial de homens e mulheres, para “*Desmasculinizar a Igreja*”, pois entendemos que os espaços eclesiais são de comunhão, entre “homens e mulheres que partilham a mesma fé e a mesma dignidade batismal” (Francisco, 08/12/2023).

Assim, ao ouvi-las, a Igreja promove uma teologia do diálogo, da inclusão, e, ao dar vozes para as mulheres, a Igreja é levada a rever seus projetos e prioridades. É preciso criar, cultivar harmonia entre todos e todas, sem distinção de sexo, cor, etnia. É promover a restauração da unidade entre todo Povo de Deus, “para que todos sejam um” (Jo 17,21).

Os textos estudados trazem-nos a percepção da importância do caminhar juntos, na mesma via em patamar de igualdade e, ainda, sobre a relevância da conversão sinodal – consciência renovada em todas as esferas, pessoal, moral, ecológica, cultural, social, pastoral e comunicacional para dar continuidade na missão evangelizadora iniciada a mais de dois mil anos por Jesus e delegada aos seus discípulos. Vale ressaltar que a unidade da Igreja é a graça no Espírito, a ser acolhida pelos cristãos e cristãs no caminho sinodal, como também os textos fazem-nos refletir sobre o serviço humilde e a misericórdia para com os pobres no Povo de Deus, visto que:

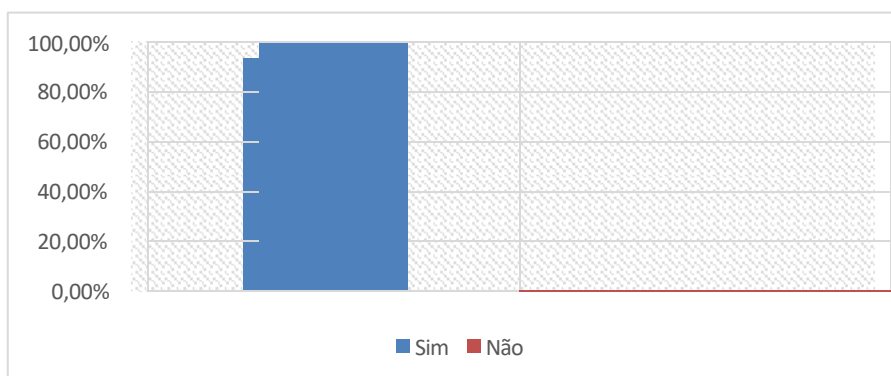
A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se dever necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-nos amar por Deus e a amá-lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros (EG n.178).

Ao realizarmos a pesquisa empírica com as quinze paróquias da grande Curitiba, feito o recolhimento do questionário, iniciamos o tratamento da informação nele contida. No que tange à pergunta se há prática compartilhada de poder entre gênero na comunidade cristã católica, apenas uma das paróquias pesquisadas respondeu não; as outras quatorze responderam que sim, que há prática compartilhada entre gênero. Mas, compartilhadas para fazer, ensinar, catequizar. De acordo com as respostas das 15 paróquias, 93,3% há prática, porque, a maioria das pastorais ou grupos são liderados pelas mulheres. São elas que coordenam, que estão à frente, mas para fazer, servir, ensinar, ou seja, no papel secundário.

Portanto, observa-se que, apesar dos números apresentados serem bastante significativos para as mulheres que desenvolvem trabalho dentro das comunidades cristãs católicas, conclui-se que as mulheres estão na coordenação, mas não em questões de decisão.

Dessa forma, é preciso romper esse ciclo ideológico do tradicionalismo e do fundamentalismo, de cunho eminentemente patriarcal, conduzidos somente por homens e, principalmente, fomentar a participação conjunta entre os homens e as mulheres, conforme demonstra a Figura 1:

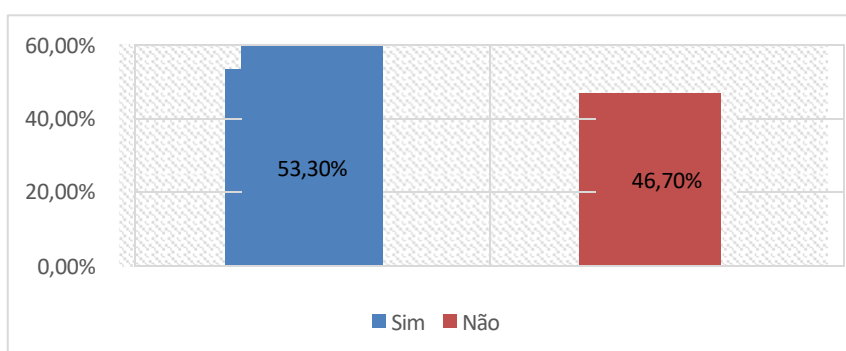
Figura 1- Porcentagem nas práticas compartilhadas de poder de Gênero. Agosto 2023.



Fonte: os autores, 2023.

A respeito da pergunta se há algum incentivo, ação para que a mulher tenha incidência real e efetiva na organização de decisão. O gráfico 2 apresenta do total de 15 paróquias, 8 responderam não, que corresponde a 53,3%, ou seja, a pesquisa aponta que não há nenhum incentivo para que a mulher tenha cargo de liderança reconhecido. Desse modo, conclui-se que simplesmente não se tem reconhecimento, apoio porque o papel da mulher é de fazer, de ensinar, tal como um ritual, um dever, uma obrigação. E, em 6 paróquias, responderam que sim, portanto 46,7% em que a mulher tem o direito à palavra nas reuniões do conselho paroquial, conforme demonstra a Figura 2:

Figura 2 - Porcentagem de promover alguma ação para que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização de decisão? Agosto, 2023.



Fonte: os autores, 2023.

Observa-se que todos os respondentes da pesquisa responderam ao questionário. No entanto, na pergunta: se há incentivo real para que a mulher tenha papel de decisão dentro da comunidade, uma das paróquias entrevistadas respondeu que não saberia dar essa informação. Desse modo, conclui-se que todas as 15 comunidades entrevistadas participaram, por mais que não soubessem dar a resposta.

Diante disso, nota-se que quer tenha incentivo ou quer não tenha incentivo para que as mulheres tenham papel de liderança na comunidade ou se há ou não prática compartilhada de decisão, as mulheres são de grande importância, pois têm em seu poder o papel de evangelizar, de ação social, de ensinar, de orientar para a vida religiosa, leiga e espiritual. Em suma, percebe-se que há prática de poder compartilhado nas Paróquias pesquisadas, contudo, em papel secundário,

que é o fazer, de servir, de acontecer, de disponibilidade, porque, para os mandatários da Igreja, a mulher é capaz de ensinar, mas não é habilitada a falar. Mesmo que a Igreja tenha rosto de mulher, que seja esposa, que seja mãe e feminina, que caminhe com ternura e harmonia, ainda assim falta o apoio, o reconhecimento por parte dos dirigentes da Igreja, para que as mulheres tenham voz e lugar na organização de decisão.

4.6 DISCUSSÃO E ANÁLISE

Esta pesquisa sobre sinodalidade e mulher evidencia a necessidade de renovar a consciência na teologia e na experiência eclesial. O *Concílio Ecumênico Vaticano II* (1962-1965) esclarece que “a Igreja realiza com esforço a atividade missionária, continuando a seguir pelo caminho estreito da cruz.” Contudo, não pode limitar-se à responsabilidade da atividade missionária de evangelização apenas aos seus mandatários, mas sim, envolver todo o Povo de Deus, inclusive as mulheres. É “tempo de olhar, com coragem da memória e o sincero reconhecimento das responsabilidades, ao longo da história, para o qual as mulheres deram uma contribuição não inferior à dos homens, e a maior parte das vezes em condições muito mais desfavoráveis” (João Paulo II, 29/06/1995). Pensando desta forma, Papa Francisco procura tornar esse Concílio em realidade, não apenas por palavras ou registros em documentos. Ele faz acontecer por seus gestos e opções, pois é necessário ouvi-las reciprocamente para “desmasculinizar⁴⁹⁴⁹” a Igreja. Ao ouvir as mulheres, “é tão novo, tão diferente de nossa maneira de pensar e ver, que parece absurdo e nos sentimos intimidados. É preciso a prática da escuta e abertura para avançar como um único Povo de Deus, rico de diferenças, mas que caminha junto” (Francisco, 08/12/2023). É a unidade na diversidade de vozes, de etnia, de fé e sobretudo, de dignidade batismal.

No programa do seu magistério, Papa Francisco faz uma pedagogia às avessas: “a realidade é mais importante do que a ideia. Entre realidade e ideia, deve

⁴⁹ Termo usado pelo Pontífice Francisco em reunião do Conselho dos Cardeais em 05 fev 2024. Para o Papa Francisco: “não ouvimos o suficiente a voz das mulheres na Igreja”, é necessário desmasculinizar a Igreja, porque a Igreja é união entre homens e mulheres que partilham a mesma fé e a mesma dignidade batismal. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-02/papa-francisco-prefacio-livro-desmasculinizar-a-igreja.html>. Acesso em: 09 mar. 2024.

estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. Pois, é perigoso viver no reino só da palavra, da imagem” (EG n.231). As mulheres precisam ser ouvidas. É necessário dar rosto e voz para todas. Logo, propõe a conversão sinodal, com consciência renovada, para caminhar juntos, no compromisso das relações de gênero com a justiça, na luta pela igualdade. Respostas adequadas aos problemas de hoje não podem ser superficiais, ou seja, para Francisco “aquilo de que há necessidade é precisamente uma conversão; uma “mudança de rumo requer uma renovada visão de ética, que saiba colocar no centro as pessoas, com o objetivo de não deixar ninguém à margem da vida. Uma visão que una em vez de dividir, que inclua ao invés de excluir” (Francisco, 08/06/ 2019). Para que tudo isso aconteça, urge que cada um de nós redescubra-se pelas águas do batismo, pois a dignidade batismal é igual para todas as pessoas.

Observa-se pela pesquisa empírica um número bastante significativo de mulheres que desenvolvem trabalho dentro da Igreja cristã católica, que a realidade feminina é de certa forma plenamente apta para assumir todos os papéis da comunidade eclesial. Contudo, ainda precisa melhorar o incentivo para que elas tenham real incidência na organização e decisão. Diante disso, há necessidade do reposicionamento contemporâneo do caminho sinodal, uma conversão continuada entre todos/as que constituem o Povo de Deus. Portanto, a sinodalidade e a mulher é um tema teológico pastoral emergente, pertinente à missão evangelizadora da Igreja.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Dissertação de Mestrado, tinha-se por objetivo principal analisar o significado da sinodalidade na perspectiva da eclesiologia católica e desenvolver a importância da mulher, sua missão e diaconia da Igreja.

Diante da problemática exposta, tornou-se possível tecer, ao longo desta pesquisa, valiosas considerações sobre o tema. É oportuno salientar que o cristianismo é, essencialmente, comunidade e relação de Deus conosco e nós com Deus. De fato, se perdermos isso, perderemos a essência do Amor, da graça. É comunidade, porque Deus desejou e quis estabelecer uma relação – entre Criador e criatura. Ele esvaziou de Si próprio e tornou um de nós.

Nota-se que o batismo é o primeiro sacramento e fundamental para iniciar a vida cristã, marca indelével de pertença a Cristo. Graça santificante torna a pessoa parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. “No batismo, os cristãos entram no campo de força do Espírito, participam de experiências extáticas, e são ‘enviados’ para proclamar o evangelho no poder do Espírito, atestado pelos sinais miraculosos e pela eloquência persuasiva” (Fiorenza, 1992, p.236), ou seja, é o momento de fortalecimento da fé, capacitando o indivíduo para uma vida de testemunho e serviço cristão de compromisso e transformação. Desse modo, todos os homens e mulheres batizados são qualificados para inserir-se na comunidade e dar testemunho como filhos/as de Deus, permitindo-nos crescer em Igreja, solidariedade e relações.

Igreja sinodal é uma Igreja de escuta e que caminha em comunhão, em que todos/as são responsáveis um pelo outro e pela comunidade eclesial. O ato de escutar é fundamental para a Igreja sinodal, pois pressupõe proximidade e encontro, ou seja, é relação com o outro. E seu caminho não é outro, se não for pelo Espírito Santo, em ouvir o ele tem a nos falar e discernir. Com o “poder do Espírito, a Igreja vai em frente, caminha junto, é sinodal. Mas há sempre o Espírito como o grande protagonista da Igreja” (Francisco, 10/09/2021). O termo Sínodo contém tudo o que necessitamos compreender, “caminhar juntos”. Desse modo, refletir a questão da presença da mulher na vida eclesial e, em particular, na Igreja católica, é de suma importância e se faz necessário. “Se não entendermos o que é uma mulher, o que é a teologia de uma mulher, nunca entenderemos o que é a Igreja. Um dos grandes pecados que cometemos foi masculinizar a Igreja”

(Francisco, 30/11/2023).

A Igreja tem rosto de mulher, tem rosto de Maria, tem rosto de 'Marias' do nosso tempo, que transmite a fé, que educa, catequiza, que se doa, que partilha e compartilha amor. Na interseção de suas diversas facetas, a mulher molda o curso da história, deixando um legado duradouro que ecoa através do tempo. Vale ressaltar que a Igreja, desde os primórdios, contempla a Sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, que intercede pelos filhos e filhas, ensina-nos a virtude da esperança, aponta-nos o caminho da Salvação, que é Jesus Cristo, e segue junto com o Povo de Deus. Maria, ícone da Igreja, é a mulher de todos os tempos, de infinitos rostos e muitas faces, diferentes tons de pele e roupagem, destemida, resiliente, que se deprime ante as incertezas da vida, que sofre diante das tragédias e da violência. Contudo, a mulher exala uma sensibilidade única, pois é símbolo de resiliência, esperança e perseverança. Ela é portadora de harmonia, coragem, escuta e presença na Igreja doméstica, no templo, na sociedade, que está em todos os lugares em diaconia, sempre amparando, catequizando, acolhendo. Seu impacto transcende fronteiras geográficas e cronológicas, iluminando o mundo com sua presença única e poderosa.

Mesmo que a Igreja tenha rosto de mulher, mesmo que elas sejam a maioria, no entanto, nós mulheres, somos sub-representadas em todas as estruturas, em todas as instituições, sejam culturais, religiosas ou científicas. A mulher não está presente em posição de liderança em nenhum grupo. Essa realidade persistente lança uma sombra sobre o caminhar juntos rumo a uma Igreja sinodal, destacando a lacuna entre a representação e a realidade. A presença e a voz das mulheres são cruciais para uma sociedade verdadeiramente equitativa e inclusiva, para que concretize o caminhar juntos em patamar de igualdade. A luta pela igualdade de gênero não é apenas uma batalha por direitos civis, mas também uma busca por justiça e reconhecimento.

A história tem sido moldada por narrativas dominadas por vozes masculinas, relegando a experiência e a perspectiva feminina a segundo plano. Portanto, é imperativo que as estruturas e instituições abram-se para a diversidade e garantam a participação plena e igualitária das mulheres em todos os níveis de tomada de decisão. É somente através da representação genuína que, nós mulheres, podemos alcançar uma sociedade, na qual todas as pessoas, independentemente do gênero, possam prosperar e contribuir plenamente para o bem comum.

Ainda, é imprescindível reconhecer que a sinodalidade não é um tratado teológico, um discurso sistemático, um capítulo de um tratado sobre eclesiologia e tampouco um documento jurídico ou ainda uma moda passageira. A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, de comunhão e relação, cuja fonte é o Espírito Santo, que dinamiza o caminhar juntos. Representa a participação ativa e colaborativa de todos/as os membros da Igreja na tomada de decisões, na vivência de fé em sua missão evangelizadora, inclusive das mulheres.

Em outras palavras, ela é um elemento de força e podemos dizer que se manifesta em um movimento único do Papa Francisco, por meio do qual ele buscou pôr em prática a Igreja Sinodal. Embora a sinodalidade seja um convite para superar as estruturas hierárquicas rígidas e respeitar a diversidade de dons e talentos presentes na comunidade, este estudo revela-nos que o grande desafio para a Igreja sinodal é o tomar consciência da dimensão profética mais inclusiva, o de fazer um *aggiornamento* do ser uma Igreja que respeita a diversidade de rostos e divide espaço para que a mulher tenha voz nas decisões. Para que realmente haja inclusão, é preciso que a presença feminina seja mais significativa e menos simbólica e que cada leigo/a encontre seu lugar na diaconia do Reino de Deus.

O termo sinodalidade, associado com mulher, leiga, cristã católica, vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões, atualmente, dentro ou fora dos templos. Observa-se que, desde o Concílio Vaticano II, há um apreço pelas mulheres. Mesmo em ritmo lento, torna-se mais plausível, mais consciente o reconhecimento da contribuição feminina, para fé cristã, para a missão evangelizadora, para que seja vivida e expressa na sua integridade, na sua dimensão feminina, na sua dimensão de mulher.

Com efeito, esta pesquisa permitiu identificar a indispensável contribuição da mulher para com a sociedade humana; a importância das verdadeiras protagonistas no processo de evangelização, relatados nos textos sagrados e perpetuados até hoje no interior e fora do templo. Fato é que a história apresenta a relevância da presença delas na narrativa Pascal, entendida e interpretada no cotidiano feminino da atualidade. Força, dom e fé são características próprias das mulheres, na determinação de vivenciar o caminhar juntos em comunhão como povo de Deus, em prol do bem comum.

Entretanto, para a efetiva concretização da sinodalidade, urge reconhecer a participação das mulheres e, também, a contribuição e vocação feminina na Igreja

e na sociedade, pois enquanto não se concretizar o reconhecimento da dignidade cristã e cidadã dentro do templo - igualdade dos direitos e respeito aos diferentes modos de pensar – não há um caminhar juntos como irmãos e irmãs; portanto, não haverá sinodalidade.

Desse modo, faz-se necessária uma leitura do catolicismo do passado, uma vez que não se pode negar o labor feminino, exposto através da criatividade, fecundidade e diaconia. Além disso, que questões de gênero não sejam fator determinante no reunir em torno da mesa da Palavra, uma vez que a atuação da mulher na Igreja foi legitimada pelo próprio Jesus Cristo, “não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só” (Gl 3,28).

Dessa forma, rompem-se divisões discriminatórias e machistas que subjugavam a mulher. É o Espírito Santo em ação e sem gênero. Por fim, não basta apenas citar nos documentos ou falar das mulheres ou para as mulheres; é preciso incluí-las, dar cor à invisibilidade, rostos e voz em tons de igualdade com os homens. A “sinodalidade é consequência da docilidade ao Espírito Santo, que é o cineasta desta história em que todos são protagonistas inquietos, nunca parados” (Francisco, 09/10/2021). É um cineasta que nos permite dialogar com o diferente, com o outro-eu. Consequentemente, é a casa de Deus que se concretiza, onde todos/as, sem exceção, são irmãos e irmãs.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.

BENTO XVI, Papa. **Deus Caritas Est**. 5ª reimpressão. São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

BENTO XVI, Papa. **Africae Munus**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20111119_africae-munus.html#_VIII._%E2%80%82Os_leigos_. Acesso em: 23 jan. 2024.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. **Documento de Puebla: Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONCÍLIO VATICANO. **Concílio Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. [Tradução Francisco Catão]. São Paulo: Paulinas, 1998.

CNBB. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. – Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1990>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CNBB. Documento 105. **Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CTI. Comissão Teológica Internacional. **A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. – 2018. – Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html#O_Ensino_da_Escritura. Acesso em: 02 set. 2021.

DOMEZI, Maria Cecilia. **Mulheres que tocam o coração de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FIORINZA, Elizabeth S. Rumo ao Discipulado de Iguais: Ekklesia de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, RS, 36(3): 281-296, 1996

FRANCISCO, Papa. **Amazônia**: Novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. – 26 de out. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sino-do-amazonia_po.html. Acesso em: 16 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja é mulher, devemos desmasculinizá-la**. – 30 de nov. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-audiencia-comissao-teologica-internacional-30-11-2023.html>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Aos greco-católicos ucranianos**: não se pode esquecer

o irmão que sofre. 2019. Disponível em:
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-07/papa-francisco-audiencia-igreja-greco-catolica-ucraniana.html>. Acesso em: 16 set. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Celebração Eucarística para a abertura do sínodo sobre sinodalidade**. 10 de outubro de 2021. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. – 2019. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 09 ago. 2023.

FRANCISCO, , Papa. **Discurso aos Fiéis da Diocese de Roma**. 18 de set. de 2021. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 03 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso aos Participantes na Conferência Internacional promovida pela Fundação Centesimus Annus – Pro Pontífice**. 08 de junho de 2019. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190608_fondazione-centesimusannus.html. Acesso em: 20 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**. 27 de jul de 2013. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html.- Acesso em: 30 ago. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos**. – 2015. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 22 set. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium: A Alegria do Evangelho**. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Edições Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Momento de Reflexão para o início do percurso sinodal**. 09 out. 2021. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

FRANCISCO, Papa. **Não ouvimos o suficiente a voz das mulheres na Igreja**. – 08 Dez. 2023. – Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-02/papa-francisco-prefacio-livro-desmasculinizar-a-igreja.html> Acesso em: 20 jan.

2024.

FRANCISCO, Papa. **O Sensus Fidei na Vida da Igreja**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_2014_0610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 06 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Paulus. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Sínodo. Igreja comprometida contra violações dos direitos dos povos amazônicos**. 2019 Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-10/sinodo-9-congregacao-geral-igreja-contraviolacao-direitos-povos.html>. Acesso em: 02 set. 2023.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. – **Estudos teológicos**. São Leopoldo, RS. Disponível em:

http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1210/1166. Acesso em: 05 fev. 2023.

HOORNAERT, Eduardo. **História do cristianismo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Paulus, 1994.

JOÃO CRISÓSTOMO. Exp. in Psalm. 149, 1: PG 55, col. 493-494.

JOÃO PAULO II, Papa. **Angelus Domini**. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/documents/hf_jp-ii_ang_10091978.html#:~:text=Ele%20%C3%A9%20pap%C3%A1%3B%20mais%20a%20o%20Se. Acesso em: 01 jun. 2023.

JOÃO PAULO I, Angelus Domini. – 10 de set. de 1978. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf_jp-i_ang_10091978.html. Acesso em: 13 dez. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta apostólica Mulieris Dignitatem**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html. Acesso em: 21 jul. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta às Mulheres**. – 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html. Acesso em: 23 ago. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Centesimus annus**. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 10 maio 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Christifideles Laici**: sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html. Acesso em: 23 jan. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. **O Espírito Santo na vida da igreja e do mundo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

JOÃO PAULO II, Papa. **Homilia do Papa João Paulo II no início do seu pontificado**.

22 de outubro de 1978. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html. Acesso em: 23 jul. 2023.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica Pacem in Terris**. – 11/04/1963. – Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html. Acesso em: 18 jun. 2022.

JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino**. [Trad. Atílio Brumetta]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. PAULO VI, Papa. **Às Mulheres**. – 1965. – Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 20 jul 2022.

PAULO VI, Papa. **Decreto Christus Dominus: sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja**. – Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html. Acesso em: 29 maio 2023.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**. – Disponível em: https://www.w.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 29 ago. 2022.

PAULO VI, Papa. **Festa do Nascimento de Maria**. 8 de setembro de 1964. – Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf_p-vi_hom_19640908_nativita-vergine-maria.html. Acesso em: 30 jul. 2023.

PAULO VI, Papa. **Acta Apostolicae Sedis**, 56, 1964 Disponível em: https://www.vatican.va/archive/aas/index_ge.htm. Acesso em: 30 jul. 2023.

PERRONI, Marinella. **As mulheres da Galileia: Presenças femininas na primeira comunidade cristã**. [Tradução de Silvana Cobucci]. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

RATZINGER, Joseph. BENTO XVI. **Introdução ao Cristianismo – Preleções sobre o Símbolo Apostólico**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO.

SIQUEIRA, Fabio Pd. – **Sínodo: o que é importante saber?** - Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/sinodo-da-amazonia.html>. Acesso em: 29 maio 2023.

SPADARO, Antônio. **Entrevista ao Papa Francisco**. 19 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/p-apa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 26 jun. 2023.

VALERIO, Adriana. **A presença feminina no Vaticano II: as 23 mulheres do Concílio**. [Tradução Paulinas Editora Prior Velho, Portugal]. São Paulo: Paulinas, 2014.

WOLFF, Elias. **A unidade da Igreja: Ensaio de Ecclesiologia Ecumênica**. São

Paulo: Paulus, 2007.

WOLFF, Elias. **Caminhos de diálogo para uma Igreja em saída**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2023.

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. 2. ed. Ver. E ampl. São Paulo: Paulinhas: Paulus: São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2018.

WOLFF, Elias. **Meditações sobre Oikoumene** São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

ANEXO 1 – TEXTO PRODUZIDO PARA A BANCA DE QUALIFICAÇÃO

Bárbara P. Bucker, mc⁵⁰

É a mulher, que desde a experiência de sua existência vai penetrando nos mistérios da vida quando se empenha nos esforços de cultivar a dimensão de sua interioridade. Um marco de abertura na reflexão teológica, nos impulsiona a considerar com respeito e profundo desejo de aprender também da mulher.

Deus é digno de conhecido e falado desde a realidade do casal: homem e mulher, centro da criação.

Fazendo um recorrido, podemos dizer que existe um coletivo teológico de mulheres católicas que nasceu “em torno à mesa”, nas conversas ..., quando algumas decidiram **caminhar juntas, pensar a fé desde suas biografias, tomar a palavra e sonhar mudanças.**

Estas mulheres, já somos muitas, o fazemos em diálogo com outras teólogas de outras denominações e estudiosas de outras disciplinas, para enriquecer perspectivas.

Também buscam a colaboração de colegas teólogos homens, para criar pontes de conversas. Acompanhamentos necessários de cunho profético, interesses, promoção, cedendo lugar e vez...

A partir do já recorrido podemos dizer que se trata de uma **vocação**, cuja missão se orienta à promoção científica de mulheres que fazem teologia em instituições católicas e outras, oferecendo sempre seu particular modo de captação da realidade.

Em tempos de redes, busca-se articular com outros coletivos e instituições que partilham objetivos semelhantes. O desafio deste itinerário, segue sendo **fortalecer o coletivo; aprofundar o crédito acadêmico e fazer crescer as cooperações com outros grupos e instituições.**

Uma das experiências mais valiosas que surgem do “*ethos*” é atravessado pelo **encontro**, o **diálogo** e o **trabalho acadêmico sério**, que tem sido **a** possibilidade de aprofundar laços ecumênicos para além do meramente discursivo.

⁵⁰ BUCKER, Bárbara P. Texto escrito para minha banca de qualificação

Neste sentido, ainda que o trabalho parta desde o universo simbólico católico, no sentido de apostólico e romano, permite uma real abertura para a catolicidade no sentido da universalidade.

A atenção às trajetórias particulares das mulheres que fazem teologia permite que suas **experiências de vida e de fé particulares**, contribuam concretamente na articulação teológica desde variados universos simbólicos.

Isto permite o desenvolvimento de uma maneira **intercultural e interconfessional** de dialogar, de encontrar-se e de expressar-se que se presta tanto ao reconhecimento da **alteridade** de si mesma e do outro, até chegar a experiência sentida como concreta desse Outro, como caminho a ser incorporado e vivenciado de reconhecido da sinodalidade como um modo de caminhar como Igreja, tecendo juntos a vivência da “Fratelli Tutti”.

Isso, tem a abertura hermenêutica sob o esforço sustentado de receber a alteridade, escutar e compreender o sentido das afirmações que circulam no espaço das conversas.

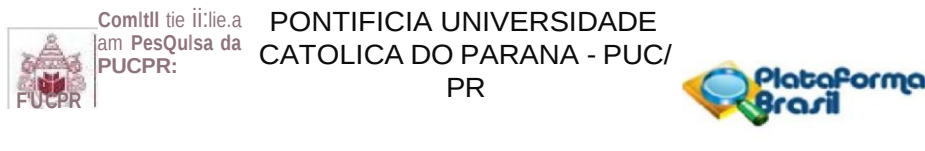
Também uma profunda tomada de consciência sobre as problemáticas que afetam e preocupam ainda hoje as mulheres são os fatores de matriz patriarcal das culturas como: **desigualdade social, cultural, econômica e política; subordinação ao espaço privado; invisibilidade**.

O ponto de partida da reflexão teológica feita por mulheres, é a experiência de opressão de mulheres e sua experiência de fé que necessitam ser refletidas.

Se tomou consciência de que a maternidade não é o único aspecto para valorizar a mulher, porque ela é também “mediadora do Espírito”.

Se reconheceu o mundo patriarcal que limita as mulheres ao âmbito privado exaltando as qualidades atribuídas à mulher, tais como: a sensibilidade, imaginação, intuição; enquanto os homens estão destinados para o âmbito público onde aparecem como seres racionais, objetivos, forjadores do futuro.

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sinodalidade e Mulher na Igreja Católica

Pesquisador: Deise Regina Badotti Bastos

Area Tematica:

Versão: 2

CAAE: 67726523.3.0000.0020

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Numero do Parecer: 6.000.698

Apresentação do Projeto:

Desenho:

Esta proposta de trabalho tem como escopo mapear na arquidiocese de Curitiba/PR, o papel da mulher no espaço cristão católico identificando sobretudo, se na paróquia existe algum projeto, mecanismo, incentivo ou práticas compartilhadas de poder? Se sim, as mulheres podem cooperar juntos em nível de igualdade? E, se não: qual seria a dificuldade em reconhecer o possível lugar da mulher na tomada de decisão? Não se sente à vontade em trabalhar com mulher? São inaptas? E, também: quantas pastorais e/ou grupos integram essa comunidade? E dessas: quantas em número são coordenadas por mulheres? A partir destes elementos pretendemos verificar as paróquias na grande Curitiba estão seguindo o chamado do Papa Francisco por uma Igreja mais sinodal em comunhão, participando e missão juntamente com as mulheres. A arquidiocese de Curitiba é dividida em quinze setores, compreendendo um total de 144 paróquias. Contudo, a pesquisa se dará em uma paróquia por setor, compreendendo em 15 paróquias pesquisadas.

Resumo:

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Comitê de Elaboração
em Pesquisa da
PUCPR:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA - PUC/ PR



Continuação do Parecer: 6.000.698

A proposta de trabalho visa discutir a importância da mulher dentro dos espaços eclesiais, uma vez que "em uma Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades" (QA, 2020, p.52, n.103). que se traduz em relação que humaniza. Ou seja, as mulheres desempenham papel fundamental, desse modo, necessita que seja reconhecido e garantido a liderança delas, em espaços cada vez mais abrangentes da liturgia, teologia e escolas de fé de política. Assim, o objetivo mapear na arquidiocese de Curitiba por meio de uma pesquisa de amostragem, se as paróquias possuem algum projeto de participação, e/ou decisão conjunta de todos e todas para dentro da Igreja para o caminho sinodal.

Constatou-se pelo site da arquidiocese que existem 142 paróquias, divididas em 15 setores. A metodologia pretendida para a realização deste projeto são primeiramente buscar bibliografia existente, dialogando entre documentos do magisterio da Igreja Católica e os vários autores teóricos que exploram o tema. Seguida da pesquisa de campo, com abordagem quantitativa e qualitativa por meio de questionário elaborado no formulário Google Forms com perguntas objetivas e abertas. Como resultados para a pesquisa verificamos, que as mulheres cristãs são de profunda espiritualidade, verdadeiras testemunhas do Evangelho, que contribuem com seu dom e força, ajudando a igreja a manter-se em pé e enfrentar os desafios da missão no nosso tempo. Por fim, conclui que elas são as verdadeiras heroínas da igreja, sem deixar de lado seus traços e estilo feminino, seguem fielmente ao ensinamento de Jesus, Ser o serviço, o desinteressado para os outros.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o significado da sinodalidade na perspectiva da eclesiologia católica e desenvolver a importância da mulher, sua missão e diaconia da Igreja

Objetivo Secundário:

1. Explicar os conceitos fundamentais da Igreja sinodal e sinodalidade, na Tradição e nos documentos conciliares;
2. Mapear na arquidiocese de Curitiba o número de paróquias que possui algum projeto de participação; e/ou decisão conjunta de todos e todas para dentro da Igreja para o caminho sinodal,

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br

Página 02 de 08

Comitê de Elaboração
em Pesquisa da
PUCPR:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA - PUC/ PR



Continuação do Parecer: 6.000.698

mediante consulta em bancos de dados on-line.

1. Articular o resultado da pesquisa empirica (exploratória-descritiva) com o referencial teórico sobre a importância do papel feminino na comunidade eclesial e na sociedade no processo de evangelização.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos durante a participação na pesquisa como, por exemplo, sentir-se constrangido/a ao responder ao questionário. Para minimizar tais riscos, nos pesquisadores estaremos atentos para que a pessoa deixe a pesquisa em qualquer momento, caso não se sinta a vontade com a dinâmica.

Benefícios:

Não há benefícios aos participantes da pesquisa. A sua participação no referido estudo será em responder ao questionário sobre se há ou não a participação compartilhada de poder com as mulheres dentro da comunidade. Tempo máximo para responder ao questionário será de 5 minutos e será na própria comunidade, na qual o participante faz parte, ou seja, sem deslocamentos. Será entre os horários das 9h até 10 h. de segunda-feira a sexta-feira. A pesquisa partirá das respostas dos participantes. Portanto, não há benefícios aos participantes da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Introdução:

Desde as primeiras comunidades, a mulher fez parte de maneira significativa, pois, exerceu atividades, contribuíram de uma maneira ou outra, sustentaram com sua docilidade e criatividade. Consta narrado na carta aos Romanos (16,1ss), Paulo apresenta as mulheres protagonistas da comunidade de fé, dignas de respeito, merecedoras de recomendações e carinho por parte de todos, fato que, exercem ministérios e funções importantes de diaconisa, colaboradora, trabalhadora, apóstola, batalhadoras. E, ainda como mostra na carta aos Filipenses (4,3), "elas lutaram comigo pelo Evangelho", Paulo se refere à liderança feminina, lutadoras ao lado dele na evangelização. Evidentemente a presença e a função delas, certamente, eram sinal visível de beleza e eficácia. Ademais, o Evangelista Mateus retrata a alegria e confiança das mulheres no

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br





Comitê de Elaboração
em Pesquisa da
PUCPR:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA - PUC/ PR



Continua o do Parecer: 6.000.698

misterio pascal, as portadoras da Boa Nova. Fato que, a atuação da mulher na igreja foi legitimada pelo próprio Jesus Cristo, "não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só" (Gl 3,28), rompe-se divisões discriminatórias e machista que subjugava a mulher, o Espírito Santo em ação sem gênero. A partir desta reflexão introduziria sobre a figura feminina em comunidades primitivas de fé, percebe-se que na história da Igreja, desde o princípio houve atuação das mulheres com admiráveis gestos de heroísmo e cuidados, dotada de sensibilidade e carisma, humilde e fraterna, fiel ao Senhor grandeza do amor que ultrapassa barreiras da indiferença, na qual se perpetua até os dias de hoje. Pois, elas são as protagonistas do tempo, discípulas missionárias, catequistas, voluntárias leigas que atuam de maneira significativa, no seguimento a Jesus Cristo, pela fé, partilha da vida, se doam e conduzem o ensinamento à plenitude de vida em Cristo, no projeto caminhar juntos, unidos na esperança e o amor. Repletas de dons e carismas, exibem beleza, criatividade e serviço. Fato que, o cristianismo é uma religião histórica, o catolicismo é parte integrante desta história, visto que, a fé cristã está viva e enraizada na cultura dos povos. Todavia, pensando, e de certa forma sentimos e vivenciamos a Igreja Católica, como uma estrutura funcional predominante masculina, porém não uma realidade isolada, acabada e tampouco caduca. Aliás, o Concílio Vaticano II (1962-1965), não deixa dúvida, a Igreja realiza com esforço a atividade missionária em "reunir todas as forças dos fiéis para que o Povo de Deus, continuando a seguir pelo caminho estreito da cruz" (AG, n.1, p.432). À vista disso, não pode limitar-se a responsabilidade da atividade missionária de evangelizar apenas aos seus dignitários, mas sim envolver todo o "Povo de Deus", inclusive as mulheres. Nesse sentido, a proposta de trabalho visa discutir a importância da mulher dentro dos espaços eclesiais, uma vez que "em uma Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades" (QA, 2020, p.52, n.103). que se traduz em relação ao diálogo que humaniza. Logo, "A evangelizar implica também um caminho de diálogo" (EG, p.187, n.238). Fato que, o diálogo do encontro, desempenha papel fundamental, para que seja reconhecido e garantido a liderança delas, em espaços cada vez mais abrangentes da liturgia, teologia e escolas de fé e de política. A partir disso, se depreende o problema da pesquisa que norteia este projeto. Mas, há práticas compartilhadas de poder? Qual seria a dificuldade em legitimar e/ou reconhecer possível lugar para as mulheres na tomada de decisão em diferentes campos da Igreja? - Por mais que, as perguntas sejam singelas, no entanto, esse, esmiuçar envolve uma série de fatores que necessitam

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br





Comitê de Ética em Pesquisa da
PUCPR:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA - PUC/ PR



1

Continua o do Parecer: 6.000.698

ser incorporados e analisados para que um retorno possa ser almejado.

Hipótese:

Esta proposta de trabalho tem como escopo discutir o papel da mulher no caminho da sinodalidade, no espaço cristão católico, identificando sobretudo, a diaconia, ou seja, serviços desenvolvidos por elas, no entanto, invisíveis. Tal abordagem se justifica na questão: onde a igreja de hoje estaria sem as mulheres. Uma vez que, prevalece a invisibilidade delas na ação evangelizadora que acontece no interior e fora do templo? Fato que, o catolicismo, passa por indagações, desafios e sobretudo, questionamento da invisibilidade feminina. A partir disso, se depreende o problema da pesquisa que norteia este projeto. Mas, há práticas compartilhadas de poder? Qual seria a dificuldade em legitimar e/ou reconhecer possível lugar para as mulheres na tomada de decisão em diferentes campos da Igreja? - Por mais que, as perguntas sejam singelas, no entanto, esse, esmiúçar envolve uma série de fatores que necessitam ser incorporados e analisados para que um retorno possa ser almejado.

Metodologia Proposta:

As metodologias pretendidas para a realização deste projeto são primeiramente buscar bibliografia existente, dialogando entre documentos do magisterio da Igreja Católica e os vários autores teóricos que exploram o tema. Seguida da pesquisa de campo, com abordagem quantitativa e qualitativa por meio de questionário elaborado no formulário Google forms com perguntas objetivas e abertas. Com a finalidade de obter informações com as paróquias da grande Curitiba sobre práticas compartilhadas de poder dentro do espaço cristão católico. O recrutamento será realizado por amostragem, pois serão apenas 15 paróquias pesquisadas e será ouvido uma liderança de cada comunidade, e não o total de paróquias existentes no perímetro da Arquidiocese de Curitiba. Esse formulário com as perguntas, bem como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido serão enviados via whatsapp a partir de contatos realizados através de telefones das paróquias disponíveis no site:

<http://arquidiocesedecuritiba.org.br/paroquias/>. Iniciaremos com os convites enviados pelas

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br





Comitê de Ética em Pesquisa da
PUCPR:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO PARANA - PUC/ PR



Continua o do Parecer: 6.000.698

peçoas indicadas pelo responsável da paróquia que poderão enviar para outras lideranças da paróquia. Finalizaremos quando atingirmos o número satisfatório para a pesquisa.

Critério de Inclusão:

Maiores de 18 anos

Fazer parte de uma das paróquias da Arquidiocese de Curitiba como liderança; ou seja, atuar em uma das pastorais, grupos ou Conselhos.

Critério de Exclusão:

Ser menor de idade.

Não atuar como liderança em nenhuma das paróquias da Arquidiocese de Curitiba/PR.

Não há outros subgrupos de exclusão.

Metodologia de Análise de Dados:

A análise dos dados será realizada a partir do formulário Google Forms enviada aos participantes. As perguntas objetivas e abertas serão sistematizadas a partir dos dados pessoais como gênero, faixa etária, renda familiar, dados geográficos, liderança; as que atuam por afinidades de acordo com o foco da pesquisa, em que o próprio formulário do Google apresentará o resumo das respostas por categoria. As perguntas dissertativas serão analisadas, considerando os pontos comuns no discurso. A pesquisa será realizada pela mestranda em Teologia Deise Regina Badotti Bastos. Como se trata de um estudo com apenas 15 paróquias, a pesquisa será factível.

Desfecho Primário:

Comparar a postura e atuação das paróquias em relação ao chamado do Papa Francisco para uma

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br





Comitê de Ética em Pesquisa da
PUCPR:

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATOLICA DO PARANA - PUC/
PR**



Continuação do Parecer: 6.000.698

Igreja Sinodal em comunhão, participai;:ao e missão do "Povo de Deus".

Desfecho Secundário:

Apresentar o desenrolar ao pedido do Papa Francisco, por uma Igreja Sinodal em comunhão, participai;:ao e missão. Uma vez que não se pode limitar-se a responsabilidade da atividade missionária de evangelizai;:ao apenas aos seus dignitários, mas sim envolver todo o "Povo de Deus", inclusive as mulheres. Pois, as mulheres são verdadeiras heróicas da Igreja.

Tamanho da Amostra no Brasil: 15

Considera<;oes sobre os Termos de apresenta<;ão obrigatória:

Ver item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequai;:oes"

Recomenda<;oes:

Não há recomenda<;ões

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequa<;oes:

O projeto apresenta-se em consonância com as Resolui<;ões do CNS.

Considera<;oes Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notifi<;ação do tipo "relat<;ório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/13, item XI.2.d.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situa<;ão
Informa<;ões Básicas do Projeto	PB_INFORMA<;OES_BASICAS_DO_PROJETO_2097371.odf	01/04/2023 19:41:41		Aceito
Declara<;ão de	declaracaodeconcordancia.pdf	01/04/2023	Deise Regina	Aceito

Endereço: Rua Imaculada Concei<;ão, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa

Bairro: Prado Velho

CEP: 80 215-901

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3271-2103

Fax: (41)3271-2103

E-mail: nep@pucpr.br



Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR:

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATOLICA DO PARANA - PUC/
PR**



Continuação do Parecer: 6.000.698

concordancia	declaracaodeconcordancia.pdf	19:38:29	Badotti Bastos	Aceito
Outros	cartarespostacomissaodeetica.pdf	01/04/2023 19:38:12	Deise Regina Badotti Bastos	Aceito
Falha de Rosto	documento_assinadoteologiadecano.pdf	06/03/2023 18:00:45	Deise Regina Badotti Bastos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausencia	TERMODECONSENTIMENTOLIVREEE SCLARECIDOdeise33.pdf	06/03/2023 17:53:40	Deise Regina Badotti Bastos	Aceito
Outros	ROTEIRODAENTREVISTAdeise23.pdf	06/03/2023 08:42:18	Deise Regina Badotti Bastos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investeador	pre_projeto_plataformabrasil.pdf	02/03/2023 20:03:12	Deise Regina Badotti Bastos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 13 de Abril de 2023

Assinado por:
Cilene da Silva Gomes Ribeiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar / Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80 215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br

